JOHANN
PESTALOZZI

PESTALOZZI EDITADO.pmd 1 21/10/2010, 09:45

Ministério da Educação | Fundação Joaquim Nabuco

Coordenação executiva
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier e Isabela Cribari

Comissão técnica
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier (presidente)
Antonio Carlos Caruso Ronca, Ataíde Alves, Carmen Lúcia Bueno Valle,
Célio da Cunha, Jane Cristina da Silva, José Carlos Wanderley Dias de Freitas,
Justina Iva de Araújo Silva, Lúcia Lodi, Maria de Lourdes de Albuquerque Fávero

Revisão de conteúdo
Carlos Alberto Ribeiro de Xavier, Célio da Cunha, Jáder de Medeiros Britto,
José Eustachio Romão, Larissa Vieira dos Santos, Suely Melo e Walter Garcia

Secretaria executiva
Ana Elizabete Negreiros Barroso
Conceição Silva

Alceu Amoroso Lima | Almeida Júnior | Anísio Teixeira
Aparecida Joly Gouveia | Armanda Álvaro Alberto | Azeredo Coutinho
Bertha Lutz | Cecília Meireles | Celso Suckow da Fonseca | Darcy Ribeiro
Durmeval Trigueiro Mendes | Fernando de Azevedo | Florestan Fernandes
Frota Pessoa | Gilberto Freyre | Gustavo Capanema | Heitor Villa-Lobos
Helena Antipoff | Humberto Mauro | José Mário Pires Azanha
Julio de Mesquita Filho | Lourenço Filho | Manoel Bomfim
Manuel da Nóbrega | Nísia Floresta | Paschoal Lemme | Paulo Freire
Roquette-Pinto | Rui Barbosa | Sampaio Dória | Valnir Chagas

Alfred Binet | Andrés Bello
Anton Makarenko | Antonio Gramsci
Bogdan Suchodolski | Carl Rogers | Célestin Freinet
Domingo Sarmiento | Édouard Claparède | Émile Durkheim
Frederic Skinner | Friedrich Fröbel | Friedrich Hegel
Georg Kerschensteiner | Henri Wallon | Ivan Illich
Jan Amos Comênio | Jean Piaget | Jean-Jacques Rousseau
Jean-Ovide Decroly | Johann Herbart
Johann Pestalozzi | John Dewey | José Martí | Lev Vygotsky
Maria Montessori | Ortega y Gasset
Pedro Varela | Roger Cousinet | Sigmund Freud

JOHANN PESTALOZZI

Michel Soëtard

Tradução
Martha Aparecida Santana Marcondes
Pedro Marcondes, Gino Marzio Ciriello Mazzetto
Organização
João Luis Gasparin
e Martha Aparecida Santana Marcondes

ISBN 978-85-7019-539-5
© 2010 Coleção Educadores
MEC | Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana

Esta publicação tem a cooperação da UNESCO no âmbito
do Acordo de Cooperação Técnica MEC/UNESCO, o qual tem o objetivo a
contribuição para a formulação e implementação de políticas integradas de
melhoria da equidade e qualidade da educação em todos os níveis de ensino formal
e não formal. Os autores são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos
contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são
necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização.
As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo desta publicação
não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO
a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região
ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

A reprodução deste volume, em qualquer meio, sem autorização prévia,
estará sujeita às penalidades da Lei nº 9.610 de 19/02/98.

Editora Massangana
Avenida 17 de Agosto, 2187 | Casa Forte | Recife | PE | CEP 52061-540
www.fundaj.gov.br

Coleção Educadores
Edição-geral
Sidney Rocha
Coordenação editorial
Selma Corrêa
Assessoria editorial
Antonio Laurentino
Patrícia Lima
Revisão
Sygma Comunicação
Revisão técnica
Maria de Fátima Guerra Sousa
Ilustrações
Miguel Falcão

Foi feito depósito legal
Impresso no Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Joaquim Nabuco. Biblioteca)

Soëtard, Michel.
Johann Pestalozzi / Michel Soëtard; tradução: Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes, Ciriello Mazzetto; organização: João Luis Gasparin, Martha Aparecida Santana Marcondes. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
112 p.: il. – (Coleção Educadores)
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7019-539-5
1. Pestalozzi, Johann Heinrich, 1746-1827. 2. Educação – Pensadores – História. I. Gasparin, João Luis. II. Marcondes, Martha Aparecida Santana. III. Título. CDU 37

SUMÁRIO

Apresentação, por Fernando Haddad, 7

Ensaio, por Michel Söetard, 11
A experiência fundadora: o Neuhof, 12
O educador enquanto educador, 16
O "método" e seu espírito, 21
As ideias de Pestalozzi no Brasil, por João Luis Gasparin, 31

Textos selecionados, 41
Como Gertrudes instrui seus filhos, 41
Primeira carta, 46
Quinta carta, 62
Sexta carta, 65
O método, 73
A pedagogia de Pestalozzi, 89
Exercícios para o desenvolvimento dos sentidos,
a música como meio educativo, 92
Utilidade pedagógica do desenho e da modelagem, 97

Cronologia, 103

Bibliografia, 107
Obras de Pestalozzi, 107
Obras sobre Pestalozzi, 108
Obras sobre Pestalozzi em português, 109
Outras referências bibliográficas, 109

APRESENTAÇÃO

O propósito de organizar uma coleção de livros sobre educadores e pensadores da educação surgiu da necessidade de se colocar à disposição dos professores e dirigentes da educação de todo o país obras de qualidade para mostrar o que pensaram e fizeram alguns dos principais expoentes da história educacional, nos planos nacional e internacional. A disseminação de conhecimentos nessa área, seguida de debates públicos, constitui passo importante para o amadurecimento de ideias e de alternativas com vistas ao objetivo republicano de melhorar a qualidade das escolas e da prática pedagógica em nosso país.

Para concretizar esse propósito, o Ministério da Educação instituiu Comissão Técnica em 2006, composta por representantes do MEC, de instituições educacionais, de universidades e da Unesco que, após longas reuniões, chegou a uma lista de trinta brasileiros e trinta estrangeiros, cuja escolha teve por critérios o reconhecimento histórico e o alcance de suas reflexões e contribuições para o avanço da educação. No plano internacional, optou-se por aproveitar a coleção *Penseurs de l´éducation,* organizada pelo *International Bureau of Education* (IBE) da Unesco em Genebra, que reúne alguns dos maiores pensadores da educação de todos os tempos e culturas.

Para garantir o êxito e a qualidade deste ambicioso projeto editorial, o MEC recorreu aos pesquisadores do Instituto Paulo Freire e de diversas universidades, em condições de cumprir os objetivos previstos pelo projeto.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 7 21/10/2010, 09:45

Ao se iniciar a publicação da Coleção Educadores*, o MEC, em parceria com a Unesco e a Fundação Joaquim Nabuco, favorece o aprofundamento das políticas educacionais no Brasil, como também contribui para a união indissociável entre a teoria e a prática, que é o de que mais necessitamos nestes tempos de transição para cenários mais promissores.

É importante sublinhar que o lançamento desta Coleção coincide com o 80º aniversário de criação do Ministério da Educação e sugere reflexões oportunas. Ao tempo em que ele foi criado, em novembro de 1930, a educação brasileira vivia um clima de esperanças e expectativas alentadoras em decorrência das mudanças que se operavam nos campos político, econômico e cultural. A divulgação do *Manifesto dos pioneiros* em 1932, a fundação, em 1934, da Universidade de São Paulo e da Universidade do Distrito Federal, em 1935, são alguns dos exemplos anunciadores de novos tempos tão bem sintetizados por Fernando de Azevedo no *Manifesto dos pioneiros*.

Todavia, a imposição ao país da Constituição de 1937 e do Estado Novo, haveria de interromper por vários anos a luta auspiciosa do movimento educacional dos anos 1920 e 1930 do século passado, que só seria retomada com a redemocratização do país, em 1945. Os anos que se seguiram, em clima de maior liberdade, possibilitaram alguns avanços definitivos como as várias campanhas educacionais nos anos 1950, a criação da Capes e do CNPq e a aprovação, após muitos embates, da primeira Lei de Diretrizes e Bases no começo da década de 1960. No entanto, as grandes esperanças e aspirações retrabalhadas e reavivadas nessa fase e tão bem sintetizadas pelo *Manifesto dos Educadores de 1959*, também redigido por Fernando de Azevedo, haveriam de ser novamente interrompidas em 1964 por uma nova ditadura de quase dois decênios.

---

* A relação completa dos educadores que integram a coleção encontra-se no início deste volume.

Assim, pode-se dizer que, em certo sentido, o atual estágio da educação brasileira representa uma retomada dos ideais dos manifestos de 1932 e de 1959, devidamente contextualizados com o tempo presente. Estou certo de que o lançamento, em 2007, do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como mecanismo de estado para a implementação do Plano Nacional da Educação começou a resgatar muitos dos objetivos da política educacional presentes em ambos os manifestos. Acredito que não será demais afirmar que o grande argumento do *Manifesto de 1932*, cuja reedição consta da presente Coleção, juntamente com o *Manifesto de 1959*, é de impressionante atualidade: "Na hierarquia dos problemas de uma nação, nenhum sobreleva em importância, ao da educação". Esse lema inspira e dá forças ao movimento de ideias e de ações a que hoje assistimos em todo o país para fazer da educação uma prioridade de estado.

Fernando Haddad
Ministro de Estado da Educação

PESTALOZZI EDITADO.pmd 9 21/10/2010, 09:45

JOHANN HEINRICH PESTALOZZI (1746-1827)[1]

Michel Soëtard[2]

O nome de Pestalozzi é mencionado frequentemente, mas poucos o leem e continuam conhecendo muito mal tanto sua obra quanto seu pensamento: geralmente o relacionam à imagem calma "do coração maternal grande" ou do "pai dos homens pobres", visto que Pestalozzi foi um pensador e sobretudo um apaixonado homem de ação. Pai da psicologia moderna inspirou diretamente a Fröbel e Herbart e seu nome está vinculado a todos os movimentos de reforma da educação do século XIX[3]. Mas é certo que sua obra não é de fácil acesso. Abundante, inacabada, escrita em todos os estilos e registros, constitui um desafio permanente ao espírito cartesiano[4].

---

[1] Este perfil foi publicado em *Perspectives*: revue trimestrielle d'éducation comparée. Paris, Unesco: Escritório Internacional de Educação, v. 24, n. 1-2, pp. 307-320, 1994.

[2] Michel Soëtard (França) é professor de filosofia da educação e de história das ideias pedagógicas na Federação Universitária e Politécnica de Lille. Professor convidado nas universidades de Würzburg (Alemanha) e de Pádua (Itália). Membro do Conselho da Associação Mundial das Ciências da Educação e do Comitê Executivo do Instituto para a Formação Europeia. Autor de *Pestalozzi ou "la naissance de l'éducateur",* Pestalozzi y Rousseau (colección "Les Grands Suisses"). Colaborou em várias obras e escreveu numerosos artigos sobre história da pedagogia e problemas atuais da educação para revistas alemãs, suíças, francesas e italianas.

[3] Centro de documentação e de pesquisa Pestalozzi, c.p 138, 1400 Yverdon, Suisse; *Revista Pestalozzianum de Zurich* (Beckenhofstrasse 31-33, 8006 Zurich, Suisse) informa regularmente acerca das publicações sobre o pedagogo suíço.

[4] O único texto de referência é o da edição crítica das obras e as cartas: a) *Pestalozzi, Sämtliche Werke* [Pestalozzi: obras completas] (denominado posteriormente SW); b) *Pestalozzi, Sämtliche Briefe* [denominado posteriormente SB]. O *Diccionario* de F. Buisson continha importantes artigos sobre Pestalozzi, suas experiências e seus principais colaboradores; em 1980, J. Guillaume publicou em 1890 um *Étude biographique de Pestalozzi*, de notável qualidade para sua época, e a tradução de Darin de *Comment Gertrude instruit ses enfants* foi um êxito editorial no princípio do século. Apesar de não dispormos de uma biografia atualizada em francês (a melhor continua sendo a do alemão K. Silber, *Johann Heinrich Pestalozzi. Der Mensch und sein Werk* [Johann Heinrich Pestalozzi: o homem e a obra], publicada em 1957 e traduzida para o inglês em 1973), podemos remeter o leitor a duas obras: J. Cornaz-Bensson, *Qui êtes-vous, Monsieur Pestalozzi?* [Quem sois vós, Senhor Pestalozzi?], Yverdon, 1977: y G. Piaton, *Pestalozzi,* Privat, 1982. Indicaremos ao longo das notas e na bibliografia que segue, as traduções francesas das obras disponíveis.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 11 21/10/2010, 09:45

Creio que para estabelecer a atualidade de Pestalozzi hoje deveremos nos esforçar por interpretar os momentos fundamentais de sua existência de homem e pedagogo, à luz das preocupações atuais. Isto ajudará o leitor redescobrir os sonhos e ilusões que acompanharam a emergência do pensamento educativo e que ainda se fazem presente hoje. Mas encontraremos, sobretudo, uma pessoa que, depois que seu sonho filantrópico se frustra em uma primeira experiência, mas soube esforçar-se para captar toda dimensão histórica da ideia educativa e vinculá-la a uma atitude pedagógica que se converteu na razão de ser de toda uma existência[5].

A experiência fundadora: o Neuhof

No começo tudo se reduziu a uma experiência que terminou catastroficamente. Pestalozzi adquiriu em Argóvia uma propriedade chamada de Neuhof e no início dos anos de 1770 acolheu as crianças pobres da vizinhança aos que faziam trabalhar na fiação e tecelagem de algodão; o produto de seu trabalho serviria para financiar a sua formação. Para essa época se tratava de uma empresa educativa absolutamente original, baseada no trabalho administrado pelas próprias crianças. Para Pestalozzi esta experiência foi o último avatar de um importante sonho de juventude.

Pestalozzi começou compartilhando os questionamentos e agitações dos jovens ativistas na busca de uma nova ordem social. O jovem Pestalozzi, rompendo com o sistema educativo de sua cidade natal que, apesar de ser considerado um dos melhores da Europa, estava muito comprometido com um regime político que reservava os direitos essenciais aos habitantes da cidade e privava completamente dos mesmos aos do campo, preferiu frequentar

---

[5] Os argumentos que seguem retomam no essencial os resultados de nosso estudo: *Pestalozzi ou "La naissance de l'éducateur: Étude sur l'évolution de la pensée et de l'action du pédagogue suisse"* (1746-1827) [Pestalozzi e o nacimento do educador: estudo sobre a evolução do pensamento e da ação do pedagogo suíço (1746-1827)], Berna, P. Lang, 1981, 671 páginas.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 12 21/10/2010, 09:45

os círculos estudantis onde se debatiam livremente os verdadeiros problemas da cidade. Inclusive atacou ocasionalmente certas personalidades corruptas como consequência foi encarcerado por alguns dias no final de janeiro de 1767.

Vinculou-se estreitamente aos meios "pietistas" de Zurich, cujos membros se esforçavam em viver um cristianismo prático, longe da "religião do verbo", das imposições dogmáticas e dos compromissos políticos. Teve especialmente presente as realizações dos AnaBaptistas e dos Irmãos Moravos que em diversas regiões e seguindo as trilhas deixadas em Halle pelo prestigioso Waisenhaus de Francke, realizavam experiências de formação vinculadas com o trabalho agrícola e industrial.

Mas foi seu compatriota Rousseau quem deu um impulso decisivo a Pestalozzi, que durante toda sua vida teve o Emílio como livro de cabeceira e que, um ano antes de sua morte, falava de seu autor como o "centro de ação do antigo e do novo mundo em matéria de educação", o que "quebrou as correntes do espírito e devolveu a criança a si mesmo, e a educação à criança e à natureza humana"[6].

Por conseguinte, a empresa do Neuhof esteve movida por um grande sonho de refazer uma humanidade autônoma, longe da civilização urbana e das discussões estéreis dos jovens aristocratas. Pestalozzi se converteu em um pobre entre os pobres e se ocupou de fazê-los descobrir em sua própria condição os instrumentos de sua libertação, neste caso o salário industrial: com consequência, a propagação da fiação e tecelagem de algodão nos campos proporcionava às famílias campesinas um meio de subsistência estável que nunca puderam obter da agricultura. Mas era necessário que os interessados soubessem dominar a nova fonte de benefícios e que, uma vez rompido o vínculo com a natureza agrícola, os homens assumissem toda a dimensão humana dessa emancipação. Assim o

[6] Pestalozzi, J. H. *Méthode théoriques et pratique*. SW, v. 28, p. 319, 1767. (texto publicado em francês por Pestalozzi).

PESTALOZZI EDITADO.pmd 13 21/10/2010, 09:45

Neuhof se esforçou por obter simultaneamente um duplo objetivo: introduzir as crianças na racionalidade econômica e, ao mesmo tempo, contribuir para que cada uma delas desenvolvesse sua personalidade autônoma em uma sociedade de liberdade e responsabilidade.

A experiência pedagógico-industrial logo enfrentou dificuldades insuperáveis e se declarou falida em 1780. Isto se deveu a causas externas, mas isso equivaleria a esquecer que Pestalozzi reivindicou sempre a responsabilidade de seu fracasso inicial e conduziria sobretudo, a não considerar um elemento decisivo para compreender sua evolução ulterior que, até as "Investigações sobre o curso da natureza em desenvolvimento do gênero humano" de 1797, a elaboração do método e o apogeu de Iverdon, pode ser interpretado como um esforço para superar as contradições que levaram ao fracasso a experiência do Neuhof. Ademais, no curso desta experiência se levantaram a maioria dos problemas que mais tarde não deixaram de ser objeto das preocupações da educação chamada "nova", em seus componentes mais notáveis, em particular os que se vincularam ao trabalho industrial[7].

Toda a empresa estava baseada no trabalho social, concebido como o instrumento decisivo de desalienação do processo educativo: ao financiar sua própria formação com o produto de seu trabalho, as crianças não deviam nada a ninguém. Pestalozzi não tarda em comprovar, não obstante, que na realidade esta visão filantrópica do trabalho também deve considerar um meio socioeconômico que impõem à pequena empresa exigências da rentabilidade e que estas terminam por impor-se aos objetivos educativos da mesma. Quando percebe que as crianças ignoram o tempo em que corriam livremente pelo campo, o professor do Neuhof é forçado a rever o conceito, segundo o qual o trabalho é algo natural ao homem.

---

[7] Ver Pistrak, M.; Ray-Herne, P. A. *Les problèmes fondamentaux de l'école du travail*. Paris: Desclée de Brouwer, 1973.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 14 21/10/2010, 09:45

Aposta no interesse de seus discípulos em uma experiência centrada no bem de cada e no de todos, mas logo terá que admitir que o interesse continua sendo uma realidade relativa e enraizada muito no desejo egoístico de cada um: assim, não pode impedir que em qualquer momento os pais venham retirar o filho que recuperou forças, vestido de roupa nova e principalmente, em condições de aportar à família um salário que não tem por que alimentar a outrem.

Pestalozzi se acha então em uma posição institucional insustentável: o que sinceramente ele quer dar a cada criança são os instrumentos de sua autonomia e se vê constantemente forçado a impor a essas mesmas crianças as exigências da rentabilidade, e seu discurso filantrópico, que move todos os meios da moral e da religião, finalmente se percebe como uma insuportável chantagem em garantia da produtividade. É assim que o mais generoso dos homens, que investiu na experiência toda a sua fortuna, é acusado pelos primeiros interessados de buscar, em primeiro lugar… seu próprio interesse.

O objetivo básico de Pestalozzi era, como ele escreveu em 1774, no seu diário sobre a educação de seu filho Jacob, "reunir novamente o que Rousseau separou": a liberdade e a obrigação, o desejo natural e a lei que todos querem para todos. Mas o próprio Rousseau havia destacado que essa coexistência ideal quebraria inevitavelmente a primeira tentativa de realização. Pestalozzi também comprova em seu fracasso o paradoxo exposto no Livro I do *Emílio:* que não podem ser unidos em um mesmo projeto a educação do homem (livre) e a do cidadão (utilizável). Pelo menos, se todos os discípulos mais ou menos fiéis de Rousseau, Pestalozzi teve o mérito de haver tentado realizar o *Emílio* em toda sua força paradoxal, e dessa maneira esteve em condição de superar, chegado o momento, as fecundas contradições da obra de Rousseau.

Pestalozzi deveria resignar-se então a ser a testemunha impotente do fracasso de sua experiência devido a múltiplas manifestações de egoísmo. Mas longe de renunciar ao seu projeto fundamental e de

PESTALOZZI EDITADO.pmd 15 21/10/2010, 09:45

submeter-se pacificamente ao conformismo social, empreenderá um esforço notável para enraizar, apesar de tudo, a vontade de autonomia nessa realidade social que havia rejeitado em um primeiro momento. Esta reflexão lhe fará apreciar com melhor clareza ainda a medida do ato educativo, da educação como a ação no centro de uma sociedade que não está segura de quais são seus fins.

O educador enquanto educador

Os analistas da obra de Pestalozzi não se interessaram muito pelo período que separa o fracasso de Neuhof (1780) da nova experiência de Stans (1799). Não obstante, esse período se caracteriza por uma mutação decisiva de seu universo intelectual e de sua ação que fará nascer das ruínas de sua primeira experiência, um novo tipo de homem que se definirá como tal: o educador.

Esta reflexão não cessa de enraizar-se na experiência de seu protagonista. Bem, é certo que a aventura do Neuhof o desacreditou durante muito tempo perante os educadores sérios, mas a escola que concebe em sua obra nos anos de 1780, Leonard e Gertrude, e, posteriormente na versão modificada de 1790-1792, se assemelha a uma espécie da experiência simulada[8]; experiência também do destino dramático de seu filho Jakob, a quem havia querido converter, no Neuhof, em uma caracterização histórica do Emílio e que havendo se afastando de seu pai após o fracasso do instituto, retorna em um dia de 1787, vítima de crises nervosas e do paradoxo de Rousseau; assim como experiência da grande comoção social de 1789, réplica macrocósmica do que Pestalozzi havia querido fazer no Neuhof; sua consagração em agosto de 1792 como o cidadão honorário da Revolução Francesa; a impossibilidade de fazer ouvir sua voz de pedagogo; sua decepção em face da manifestação dos egoísmos democráticos… através

[8] Existe uma tradução francesa disponível da primeira versão em *Éditions La Baconnière, Broudry* (Suíça).

PESTALOZZI EDITADO.pmd 16 21/10/2010, 09:45

de todos estes acontecimentos Pestalozzi chega a um intenso período de clarificação que alcança seu apogeu no texto teórico primordial de 1797: Investigações.

Não é fácil resumir em poucas linhas essa efervescência do pensamento. Felizmente dispomos de uma carta datada de 1 de outubro de 1793 na qual Pestalozzi dirige a seu confidente dessa época, Nicolovius, e onde, à luz dos acontecimentos passados e presentes, ele resume a evolução que está vivendo[9]. Deste modo, revela que no mais profundo de si mesmo, sua reflexão e sua ação se encontravam sob a influência de duas forças contrárias:

1. Segundo disse, no começo foi vítima inconsciente de um "sonho de educação" que se nutria de "desacertos econômicos", que se explicavam realmente em um profundo "erro" sobre a natureza do homem. Esse é o significado do que ocorreu no Neuhof: uma ingênua confiança no milagre da indústria e, também, na capacidade do homem para dominá-la espontaneamente; uma crença profunda em uma liberdade natural dos filhos de Deus e na virtude de uma educação que se limitaria a acompanhar o movimento da natureza.
2. É interessante a maneira como se relaciona esse primeiro erro com o segundo que o absorveu totalmente durante o período seguinte. Em seguida, com a vontade apaixonada de conhecer essa realidade humana que se havia imposto a sua grande ideia, se dedicará à pedagogia científica: prova disso são essas cenas de observações diárias e essa aritmética dos comportamentos com que aconselha e dirige os trabalhos práticos do preceptor Petersen; também o prova a atitude do mestre Gluphi que, de uma versão à outra da obra, se mostra cada vez mais preocupado em conhecer os homens tal como são e, como laico-positivista, remete ao pastor seus sonhos de humanidade.

---

[9] SB, v. 3, pp. 298-302, 1793.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 17 21/10/2010, 09:45

A estas duas concepções de homem se vinculam outros tantos projetos educativos, precisamente os dois projetos que Pestalozzi havia tratado de combinar em vão no Neuhof: a realização "da dignidade interior mais pura do homem" por um lado e "sua boa formação para as necessidades essenciais de sua vida terrestre" por outro lado.

A novidade da reflexão de Pestalozzi nos anos de 1790 é que ele percebe que esses dois objetivos, em realidade, se enraízam em uma mesma ilusão: se pretende poder definir a priori, como se fosse possível se colocar do ponto de vista de Deus, as "necessidades essenciais" do homem neste mundo, e os critérios de sua "dignidade interior" no outro. Mais profundamente, se pretende moldar em sua dimensão interior assim como em sua expressão exterior a liberdade do homem, uma vez que o desenvolvimento autônomo da liberdade constitui a melhor oportunidade que se pode apresentar à educação.

Com efeito, se a educação deve se satisfazer em realizar um tipo de homem definido fora de si mesma, ela só pode ter um sentido acessório. Pestalozzi se nega a que ela funcione como um mero instrumento de modelagem a serviço de um mundo dado seja real ou ideal: ela será uma forma de ação que permita a cada um fazer-se a si mesmo, a partir do que ele é e no sentido do que deseja ser, "uma obra de si mesmo".

A educação encontra, assim, seu sentido no projeto de autonomia. Mas Pestalozzi se apressa em insistir que o conteúdo profundo desta palavra, tão estimada pelo idealismo alemão, não se esgota em um novo conceito humanista no nome do qual se continuaria, na prática, escarnecendo a dignidade humana. Para o autor de *Investigações,* a autonomia só é real na medida em que não cessa de fazer-se entre as mãos dos interessados.

Do sentido assim enunciado nas Investigações, se deduzem algumas consequências essenciais para a reflexão e a ação de Pestalozzi:

PESTALOZZI EDITADO.pmd 18 21/10/2010, 09:45

1. Tanto a política quanto a religião, comprometidas em um conflito sem saída entre a defesa da dignidade do indivíduo e sua necessária mutilação social, somente poderão superar seu conflito mútuo na obra de educação. Com efeito, na medida em que a legislação se pratica como uma educação, o estadista saberá às vezes evitar os conflitos sociais, cada vez mais ameaçadores à medida que se agravam os interesses e criar uma vontade geral indispensável o mais próximo possível da vontade de cada um. Por sua vez, a religião, abandonando de uma vez por todas sua pretensão de dominar ao mesmo tempo a carne e o espírito, poderá recuperar seu papel do "sal da terra", mas de uma terra onde, como o escreve na carta a Nicolovius, "o ouro e as pedras e a areia e as pérolas tem seu valor independentemente desse sal". A atitude do educador reduz desse modo o conflito entre a política e a religião, situando cada um em seu próprio espaço.

2. Pestalozzi consegue assim também compreender seu erro do Neuhof. Ao querer jogar simultaneamente o jogo da racionalidade econômica e o do desenvolvimento pleno do indivíduo, se havia colocado com toda inconsciência no centro do turbilhão que estava deslocando a sociedade de então. Pestalozzi já não será nem o duro empresário nem o bom pai do povo, mas um educador, situando-se a distância às vezes das exigências sociais como do desejo dos interessados e lutará para conseguir a aproximação dos dois polos no sentido de constituir em cada um deles a liberdade autônoma, uma liberdade comprometida às vezes com o mundo social graças à aquisição do ofício, e se esforçando para encontrar nessa realização o desenvolvimento pleno de si mesmo. A ação educativa permite, deste modo, superar o paradoxo de Rousseau que estabelecia a impossibilidade de formar ao mesmo tempo o homem e o cidadão.

3. Pestalozzi coloca assim as bases de um lugar privilegiado que, entre a família, sempre mais ou menos envolvida em seus

PESTALOZZI EDITADO.pmd 19 21/10/2010, 09:45

interesses privados, e a sociedade civil, cada vez mais acuada pelas exigências desumanas da racionalidade econômica, deveria não só fomentar na criança a passagem de um universo ao outro, mas também contribuir para a constituição dessa liberdade autônoma que não pode estar garantida nem exclusivamente pela natureza nem exclusivamente pelo direito. Esse lugar é a escola. O ideal seria, por conseguinte que os pais se tornassem educadores em iguais condições dos artesãos do bem comum; mas sendo o que é a evolução da célula familiar, a escola como lugar da educação deverá desempenhar uma função cada vez mais importante na sociedade civilizada[10].

4. Essa tarefa, a escola só a cumprirá realmente se aceitar fazer um trabalho de pedagogia. Esta palavra cobra já seu pleno sentido nos escritos de Pestalozzi. Tratar-se-á, com efeito, de aplicar uma prática específica que não se conforme em transmitir às jovens gerações as exigências da civilização mas que se organize de tal maneira que os interessados possam construir sua liberdade autônoma. Nem simples prolongação da ordem familiar, nem simples lugar de reprodução da ordem social, a escola deverá manifestar sua ordem própria através da obra pedagógica: este será todo o sentido do Método.

5. Mas a consequência mais importante da reflexão que chega a seu ponto culminante nas Investigações de 1797 (uma consequência que na realidade, Pestalozzi não expõe, mas que se acha subjacente em toda a sua obra futura) é o fato de que o pedagogo se coloca desde esse momento em uma posição tal que pode compreender a criança e sua realidade por acontecer.

---

[10] O que se associou ao nome de Pestalozzi no princípio da educação familiar (Wohnstube) e à da mãe em particular, resulta de uma análise insuficiente dos textos do pedagogo e da evolução de seu pensamento. É, de fato, certo afirmar que Pestalozzi luta com a realidade de uma célula familiar em crise e que a educação, ao mesmo tempo em que a instituição escolar, se desprende progressivamente em sua obra como o meio de superar a inevitável descolocação da primeira célula natural: a mãe está destinada, até certo ponto contra sua natureza, a transformar-se em educadora.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 20 21/10/2010, 09:45

No Neuhof havia utilizado melhor a criança para a realização de um sonho de adulto, o da aliança entre uma perfeita inserção social e a salvaguarda da inocência natural. Em seguida, ao reconhecê-lo em sua aptidão para "fazer-se uma obra de si mesmo", Pestallozi se aproxima à natureza infantil no que tem de específico, a saber: seu poder de constituir-se de maneira autônoma. Mais ainda, é a humanidade adulta supostamente constituída, a que está chamada a regenerar-se através da criança e pela maneira em que, favorecendo mediante a educação o desenvolvimento de sua liberdade autônoma, se libertará por si mesma de suas inércias e taras sociais. Educação, juventude eternamente necessárias para a humanidade: "A natureza fez a sua parte: você deve agora começar a fazer a sua"[11].

O "método" e seu espírito

As *Investigações* de 1797 são uma chamada à ação. E graças aos transtornos políticos que se produzem na Suíça em 1798, "o educador do povo" volta a ter o vento em popa. Primeiro está a experiência de Stans, iniciada em Janeiro de 1799 e que termina bruscamente por causa da guerra, depois de alguns meses de existência. Logo Pestalozzi se instala no Burgdorf (Berthoud): o novo instituto não resiste à queda da República Helvética em 1803. Por último, o pedagogo é chamado a Yverdón, onde em 1 de janeiro de 1805 inaugura no castelo um estabelecimento que rapidamente se expandiu e adquiriu fama em toda Europa. Pessoas de todas as partes foram observar este novo fenômeno pedagógico e aprendizes de professor foram em ondas (os prussianos, os franceses, os ingleses) para serem treinados no método Pestalozzi.

O "método", sem dúvida alguma, é o projeto pedagógico de toda a obra de Pestalozzzi em seus três institutos. Na prática se iniciou em Stans, mas seus grandes ensinamentos se estabeleceram na obra

[11] SW, v. 12, p. 125, 1797.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 21 21/10/2010, 09:45

de 1801, "Comment Gertrude instruit ses enfants" (Como Gertrude instrui seus filhos), ainda que seus diversos componentes seguiram sendo elaborados durante as experiências de Burgdorfy de Yverdon[12].

A questão da originalidade do "método Pestalozzi" (a expressão é de Herbart) está sempre posta. Alude-se com isso aos materiais e as técnicas. Corremos o risco da decepção: o visitante do castelo de Yverdon buscará em vão esses "truques pedagógicos" que poderiam aplicar em sua prática. Tanto quanto as técnicas pedagógicas se referem, poderia mesmo dizer que Pestalozzi não inventou inventou nada, nem sequer a lousa escolar (quadro-negro) e que tomou o que queria em toda parte: de fato, é necessário recordar que sua experiência não se desenvolveu em um deserto pedagogico, mas sim que se inscreveu em um vasto movimento de renovação da educação que chegou até o mais humilde pastor da aldeia. Além disso, o próprio Pestalozzi admitiu haver se equivocado completamente ao elaborar determinadas técnicas, em particular para a aprendizagem da língua, e não hesitou em introduzir mudanças radicais no método de ensino em qualquer momento. Em síntese, a originalidade do seu método não se encontrava em seus aspectos materiais.

E não obstante, havia uma originalidade historicamente verificada, e isso reside no fato que praticamente todos os pedagogos práticos dos séculos XIX e XX consideraram esse trabalho como se fora de uma fonte, e referiram-se a ela constantemente, a despeito de suas dificuldades e fracassos.

É possível dizer que a originalidade do método elaborado por Pestalozzi reside fundamentalmente em seu espírito. Seu mérito é, de fato, o seguinte: quando quase todos seus discípulos, declarados

[12] O autor está preparando uma nova tradução francesa, com introdução e notas, da obra pedagógica fundamental de Pestalozzi: *Comment Gertrude instruit ses enfants*, assim como da *Lettre de Stans*. Para uma apresentação do conjunto do método, remeteremos o leitor aos textos que publicou o próprio Pestalozzi em francês: Pestalozzi, J. H. *Méthode théorique y pratique de Pestalozzi pour l'éducation et l'instruction élémentaire*. Paris, 1826. (SW, v. 28, pp. 287-319, 1801).

PESTALOZZI EDITADO.pmd 22 21/10/2010, 09:45

ou o não, permitiram sistematicamente que sua intenção desaparecesse na materialidade de um conhecimento, uma técnica, uma concepção apriorística do homem, e lutaram sistematicamente para que não se confundisse o que eles queriam com o que havia realizado, o próprio Pestalozzi compreendeu que o método e todos seus componentes não deviam ser mais do que instrumentos nas mãos do pedagogo, a fim de que este produzisse "algo" que não se encontra no método e que resulta ser de uma natureza totalmente diferente de seu processo mecânico: a liberdade autônoma.

O método é, sem dúvida, um instrumento necessário. Importa observar a natureza infantil, para extrair as leis próprias de seu desenvolvimento, para criar meios favoráveis para esse desenvolvimento, levar em conta explicitamente a dimensão social da relação educativa, dar eficácia à capacidade da ação da criança… aspectos todos que Makarenko, Montessori, Freinet, Piaget[13], continuaram elaborando e aperfeiçoando tecnicamente. Trata-se de investigar infatigavelmente o mecanismo da natureza humana em suas diferentes manifestações: sem o conhecimento, é impossível exercer algum poder sobre essa natureza.

Com base na versão em espanhol, a tradução seria um pouco diferente: Porém, seria um erro considerar o conhecimento em si mesmo, libertador. Como meio, é necessário, mas não suficiente O método, com todo o seu conteúdo de conhecimentos positivos sobre a criança, pode contribuir em igual medida mais para subjugar que para liberar. Para que o processo se oriente na segunda direção, é necessário desenvolver uma ação específica que mobilize os instrumentos do método de maneira tal que sejaefetivamente geradora da liberdade autônoma. Aí começa realmente o trabalho pedagógico; e é aí onde se intervém, além da letra, o espírito do método, um espírito que usa as técnicas somente para que produzam o oposto

[13] O leitor encontrará nesta série "Coleção Educadores" os perfis de Freinet, Makarenko, Montessori e Piaget.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 23 21/10/2010, 09:45

de um resultado técnico: "Examinem tudo – disse Pestalozzi em 1826 – mantenham o que é bom e se algo melhor ir amadurecer em suas próprias mentes, acrescentem verdade e amor a isso, assim como tento passar com verdade e amor, o que falo nessas páginas[14].

Obviamente a prática é essencial e se refere a uma atitude, e na impossibilidade de elaborar a teoria dessa atitude sem correr o risco de destruir a missão do processo metodológico, isto é, o que este deve fazer surgir e sustentar em seu desenvolvimento. Pestalozzi adiciona que há um limite além do qual o processo metodológico deve ser invertido completamente para deixar a iniciativa à liberdade autônoma: "Quem quer que se aproprie do método, seja uma criança, um jovem, um homem ou uma mulher, chegará sempre em seus exercícios a um ponto que solicitará particularmente sua individualidade: ao captá-lo e desenvolvê-lo essa pessoa fará emergir em si mesma, forças e meios que lhe permitirão superar, em grande medida, a necessidade de ajuda e apoio em sua formação que nesta etapa continua sendo indispensável para outros, e estará em uma situação de percorrer e completar, com passos seguros e autônomos, o caminho de sua formação. Não sendo assim, minha casa não se manteria em pé, minha empresa teria fracassado[15]".

Sem dúvida, se houvesse que explicar aos que praticam a pedagogia como se aplicava esse espírito do método nos institutos de Pestalozzi se poder-se-ia estudar de que maneira se articulam, no centro do processo, três elementos: o coração, a cabeça e a mão (Herz, Kopf, Hand). Não se trata de três "partes" do homem, nem sequer de três "faculdades", mas de três pontos de vista sobre uma mesma e única humanidade em ação de autonomia. Para Pestalozzi, a cabeça representa o poder que tem o homem, graças à reflexão, de separar-se do mundo e suas impressões confusas, e de elaborar conceitos e ideias. Mas como indivíduo situado, o

---

[14] SW, v. 28, p. 57, 1826. (trad. La Baconnière).

[15] *Geist und Herz in der Methode*. *SW*, v. 18, p. 35, 1826.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 24 21/10/2010, 09:45

homem continua estando completamente submerso em um mundo que, através da experiência, não para de requerer sua sensibilidade e o vincula com seus semelhantes na luta empreendida para dominar a natureza por meio do trabalho: essa é a dimensão do coração. O homem, provocado deste modo pelo que é e requerido pelo que deve ser não tem outra solução nesse conflito sempre aberto e plenamente assumido, que fazer de si mesmo uma obra: essa é a dimensão da mão.

Estes três elementos concorrem assim na produção da força autônoma em cada um dos interessados: a parte razoável garante a universalidade da natureza humana, a parte sensível garante sua particularidade radical, ainda que a contradição entre ambas libere por sua vez o poder essencialmente humano de levar a cabo uma ação que constitua a personalidade autônoma. Cabe assinalar também que este processo se desenvolve integralmente dentro do contexto da sociedade, na medida em que esta modela a razão humana e é objeto da insatisfação essencial dos interessados.

O professor, e muito antes o pai e a mãe atuam como educadores, ocupam uma posição especial no ponto do encontro, entre o desejo sensível e a razão social na criança. Nesse período decisivo, têm o poder de estimular o desenvolvimento da força autônoma ou de impedi-lo talvez para toda a vida. Tal é a imensa responsabilidade moral do pedagogo.

Para que esta responsabilidade possa ser exercida será essencial que o pedagogo, quaisquer que sejam a matéria e a época de sua ação, seja qual for a matéria didática de que se ocupe, saiba manter o equilíbrio entre os três componentes do método. Isto significa que dentro da instituição escolar não basta distribuir harmoniosamente as diferentes disciplinas entre o polo intelectual, o polo sensível (artístico) e o polo técnico; cada docente deverá se esforçar em aplicar, em cada uma das etapas pedagógicas, os três elementos em torno dos quais se articula o desenvolvimento da força autônoma: o

PESTALOZZI EDITADO.pmd 25 21/10/2010, 09:45

professor de educação física prestará atenção ao domínio intelectual dos exercícios ao mesmo tempo que a sua repercussão sensível na criança, enquanto que o professor de matemática tratará de não perder de vista a relação de sua matéria com a existência concreta das crianças e de sua aplicação autônoma em um momento do processo pedagógico… Pestalozzi não para de repetir que se trata de um equilíbrio que nunca se adquire definitivamente e que pode ser quebrado em qualquer momento para alimentar uma das três "bestialidades" da cabeça, do coração e da mão.

Esta análise é válida não somente para as aquisições escolares do saber, do "saber fazer" e do "saber sentir", mas também e, sobretudo para o andamento da instituição que, entre a cálida célula familiar e o monstro frio do estado, tem como missão instituir a liberdade autônoma de maneira viva, reflexiva e prática. Mais que dar às crianças a ilusão de uma democracia imediata, como havia ocorrido no Neuhof, Pestalozzi, a partir de Stans e através do relato que nos deixou de sua breve experiência, se esforçará por construir uma humanidade social o mais próxima possível do desejo de cada um e no interesse de todos mas que deve superar-se continuamente na ação: pobres entre os pobres, as crianças de Stans sofrerão mais privações ainda para poder acolher a outros mais pobres.[16]

Consequentemente, o sistema educativo em suas diversas estruturas deverá ser organizado necessariamente de tal maneira que a ação do pedagogo, tendo em conta o que deverá produzir, possa ser exercida em um clima da liberdade autônoma e responsável. Cada uma das engrenagens institucionais deverá permanecer a serviço do projeto que singulariza a ação pedagógica na relação com o resto das ações humanas, um projeto cujo objetivo principal é a humanidade que se está constituindo com caráter autônomo dentro da relação pedagógica.

[16] SW, v. 13I, pp. 1-32, 1826.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 26 21/10/2010, 09:45

O último debate: prática e teoria pedagógica

Pode-se avaliar a atualidade de Pestalozzi na maneira como soube pensar a fundo a contradição entre a função de integração social da escola e seu dever de realizar os indivíduos na liberdade: Durkheim e Illich ficam igualmente refutados. Os partidários "da escola na vida", seguindo nisso a Pestalozzi, poderão perceber a magnitude dos obstáculos que continuam levando ao fracasso suas experiências. Mas também atuam em vão os que querem tirar vantagem das dificuldades de tais precedentes para restaurar o antigo humanismo em torno da "ideia de educação": Pestalozzi lhes responde com um não categórico através de suas relações com o pastor de Niederer, no início seu colaborador mais próximo em Yverdon, logo seu adversário e finalmente seu inimigo encarniçado que queria destruir uma empresa que não pode submeter à sua concepção.

Tende-se, em geral, a considerar que a controvérsia que ocorreu em Yverdon, que alcançou tal profundidade que a experiência fracassou pela segunda vez, não é mais que uma querela entre pessoas ou um conflito dos temperamentos. Na realidade, no fundo desta disputa, há um debate fundamental que continua sendo de profunda atualidade na pedagogia: o da relação entre a prática e a teoria. Se o educador, diferentemente do filósofo e do cientista, é precisamente "um prático na busca de uma teoria praticável de sua prática" (D. Hameline), podemos dizer que a existência de Pestalozzi foi a encarnação dessa definição. Pestalozzi foi inteiramente prático no Neuhof, experiência que quis que fosse uma manifestação da liberdade pura em ação. Logo, as investigações de 1797 podem ser interpretadas como o fim de um longo caminho que permitiu que Pestalozzi elaborasse a teoria de sua prática eliminando dela tanto o discurso inoperante dos filósofos como os procedimentos estéreis da "ciência do homem".

Mas vimos que embora a reflexão das "Recherches" exigisse uma prática, continuava havendo ruptura entre ambas: o método também se estabelece como uma teoria "praticável" da prática desenvolvida

em Stans, Burgdorf e Yverdon, e a vontade de autonomia subjacente não têm porque buscar seus fundamentos fora de si mesmos. Esse será o erro de Niederer que, imbuído pela filosofia de Fichte e Schelling, e apresentando-se como o Platão de Sócrates da pedagogia, tenta transformar em teoria a experiência que está sendo realizada ante seus olhos. Pestalozzi, consciente da necessidade de tal explanação, seguirá por um momento seu colaborador, mas não tardará em perceber que o que está sendo elaborado é uma doutrina cada vez mais alheia ao que ele intimamente deseja, e terminará em rejeitar brutalmente a teoria de Niederer assim como sua influência dogmática no instituto.

A objeção fundamental que Pestalozzi faz a respeito dessa teoria é que ao transformarem sistema o projeto da liberdade que a move, torna esse projeto "impraticável". Niederer, ao assumir a direção do instituto, inspirou por certo uma prática, mas esta não tardou a desenvolver-se em todos os níveis em detrimento do que era buscado através dela: a realização efetiva da liberdade em cada um e em todos. Concretamente, os professores preferiram passar a maior parte de seu tempo em seminários, discorrendo sobre a liberdade, a força autônoma da criança ou da pedagogia cristã, preocupando-se cada vez menos do único que na realidade, poderia dar o sentido a essas belas ideias: as crianças presentes nesse lugar, a realidade cotidiana do instituto, essas pequenas coisas que alimentavam a força autônoma de cada um.

Pestalozzi que havia vinculado a educação com o projeto moral do homem, evidente em sua atitude de expandir uma ação autônoma, considera insuportável esse desvio de sua própria intenção e preferia fechar seu instituto ao invés de ceder em relação ao seu projeto. Recuperando a calma no Neuhof, sua reflexão lhe permitiu formular uma verdade educacional básica, da que fez a linha central de seu testamento do educador: *Canto do cisne*[17] [18].

---

[17] SW, v. 28, pp. 53-286, 1826. (trad. La Baconnière).

[18] Último livro escrito por Pestalozzi e que foi publicado em 1826.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 28 21/10/2010, 09:45

Esta verdade, que não deveríamos vacilar em denominar o "princípio pestalozziano", é formulada da seguinte maneira: o ato educativo somente adquire e conserva seu sentido de ato educativo na medida em que se estabelece uma diferença entre as leis gerais do desenvolvimento da natureza humana em suas três dimensões da cabeça, do coração e da mão, e a maneira em que referidas leis são aplicadas em particular nas situações concretas e nas possibilidades das circunstâncias.

À primeira vista, este princípio pode parecer de uma trivialidade surpreendente: qualquer homem que refletir um pouco terá plena consciência da ruptura que separa as ideias das realidades concretas. Mas quando observamos o esforço dos pedagogos que utilizam a teoria para realizar em sua prática a síntese entre a teoria que tem em mente e os seres sensíveis com os quais devem tratar, quando ademais observamos seus estrondosos fracassos e o fato de que cada vez se veem obrigados a viver sua utopia como seres marginais, chegamos à conclusão de que o autor do *Canto do cisne* conseguiu, sem dúvida alguma, resolver um dos problemas fundamentais da pedagogia: a mão do pedagogo somente poderá cumprir seu trabalho na medida em que se mantenha a distância – a distancia da mão e a distância um do outro – o polo da inteligência universalizadora e o polo da sensibilidade particularizadora. A este preço a liberdade autônoma poderá constituir-se realmente nas crianças e não se evaporará na impotência da teoria nem se fundirá em uma confusão de interesses. Esta vontade de distinguir é tão forte que *Canto do cisne*, que pretende apreender a essência da formação elementar, é um convite para que cada indivíduo assuma a responsabilidade de sua ação e não vacile em criar eventualmente outros meios e outras técnicas, uma vez que o faz "com verdade e amor", isto é, impulsionado pela vontade de que em torno dele se criem outras forças autônomas[19].

---

[19] SW, v. 28, p. 57, 1826. (trad. La Baconnière).

PESTALOZZI EDITADO.pmd 29 21/10/2010, 09:45

O procedimento de Pestalozzi revela deste modo sua profunda atualidade pela maneira inigualada até nossos dias, em que soube articular sua teoria e sua prática. E se é certo que a educação tem a possibilidade de ser desenvolvida como processo de ação no que a prática, a pesquisa científica e a teoria se fecundam mutuamente (G. Mialaret), podemos dizer que Pestalozzi conseguiu realizar ao mesmo tempo essa tríplice tarefa.

Pestalozzi se situa assim em uma posição a partir da qual pode atuar sobre a natureza específica da criança. Ao romper a continuidade natural entre o enfoque teórico e o enfoque prático das questões pedagógicas, rompe também o *recurso* do mecanismo que, há séculos, convertia a criança em um instrumento dócil de verificação da legitimidade das teorias preconcebidas. Ao deixar aberta a brecha entre a teoria e a prática, o autor do *Canto do cisne* libera no coração da criança a força por meio da qual esta poderá fazer "um trabalho consigo mesmo", e ao mesmo tempo põe as bases de uma pesquisa científica de ordem especificamente pedagógica. A educação faz parte, sem dúvida das ciências humanas, mas não é uma ciência humana como as demais: a relação dialética que mantém com a prática, certamente em nome do respeito à liberdade no vir a ser lhe faz rejeitar o esquema hipotético-dedutivo que determina o procedimento das ciências do homem.

Pestalozzi deixa ao pedagogo a missão de viver e acentuar a contradição que desenvolveu amplamente no *Canto do cisne*. Sem dúvida haveríamos preferido que ao chegar ao fim de sua reflexão, nos houvesse deixado uma verdadeira "teoria praticável de sua prática" que cada professor pudesse utilizar. Sua grande fragilidade continua sendo o fato de que jamais conseguiu separar verdadeiramente sua obra de si mesmo, de sua existência e de suas experiências. Mas esta fraqueza se transforma em uma força devido a que Pestalozzi nunca deixou de buscar desde o começo: a realização da liberdade autônoma em cada um e em todos.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 30 21/10/2010, 09:45

AS IDEIAS DE PESTALOZZI NO BRASIL

João Luis Gasparin

> O menino aprende, conhece, nomeia, quer saber mais coisas ainda, quer conhecer outras palavras, assim incita a sua mãe a aprender com ele. Ela aprende com ele e ambos crescem cada dia em luzes, forças e amor. Ensaia com ele elementos fundamentais da arte, as linhas curvas. Seu filho não tarda a sobrepujá-la, a alegria de ambos é a mesma; novas faculdades se desenvolvem em seu espírito: o menino desenha, mede, calcula. Sua mãe lhe mostra Deus no espetáculo do mundo; lhe mostra Deus em seu desenho, em suas medidas, em seu cálculo, lhe mostra Deus em cada uma de suas faculdades. Vê a Deus em seu próprio aperfeiçoamento, a lei da perfeição é a lei de sua conduta, a reconhece no primeiro desenho perfeito que traçou, em uma linha reta, em uma linha curva. Sim, amigo, a primeira vez que ele pronunciou perfeitamente uma palavra, principiou a germinar em seu peito a lei: "Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai que esta nos céus" E como o meu método repousa constantemente na aspiração da perfeição em cada detalhe, continue vigorosamente e de maneira vasta a imprimir profundamente desde o berço, no coração, o espírito dessa lei (Pestalozzi, 1929).

Pestalozzi passou toda sua vida no meio de crianças pobres e deserdadas que pretendia arrancar de sua infelicidade. Os livros que nos deixou são sempre inspirados em sua longa experiência. Sempre amou as crianças; a felicidade delas era a felicidade dele. Acreditava na inocência e na bondade da natureza humana.

Apesar de seus empreendimentos mal aventurados em educação, tornou-se célebre por suas ideias pedagógicas e seu entusiasmo.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 31 21/10/2010, 09:45

Fundou seus métodos no conhecimento da criança, adaptando-os ao seu nível de desenvolvimento. Afirmava que para podermos exercer uma ação efetiva sobre os educandos é necessário, antes, descobrir as leis do mundo físico e psíquico que o regem. Reagiu contra o intelectualismo da pedagogia tradicional, acreditando no valor educativo do trabalho manual e na destreza prática, por isso foi à ação, dedicando-se inteiramente à obra empreendida, acreditando eficazmente em seu método a tal ponto que tinha certeza que bastava aplicá-lo para que surtisse os efeitos desejados.

Buscou descobrir um método de ensino tão fácil, que poderia ser aplicado por qualquer um, até pela menos instruída das mães. Afirma:

> Eu creio que não se possa pretender obter, em geral, um progresso na instrução do povo, até que não se tenha encontrado formas de ensino que, ao menos durante todo o período da instrução elementar, façam do professor um mero instrumento mecânico de um método, cujos resultados devem provir da natureza de seus processos e não da habilidade de quem o pratica. Eu sustento que um livro didático é um bom livro somente quando pode ser usado tanto por um mestre sem instrução quanto por um instruído. O livro deve ser essencialmente composto de tal modo que tanto o homem inculto quanto a mãe encontrem nele um guia para poder estar sempre um passo adiante da criança no caminho pelo qual devem, com sua arte, conduzi-lo progressivamente (Pestalozzi, 1929, p. 41).

Essa proposta pedagógica pode ser encontrada, em profundidade e em detalhes, em todas as suas obras, mas especialmente nas cartas por ele escritas sobre a educação, que constituem o livro *Como Gertrudes instrui seus filhos*. Todavia, quando procuramos saber qual a influência que esse pedagogo exerceu na educação escolar brasileira notamos que a prática está muito longe da teoria.

Saviani, ao prefaciar a obra *A pedagogia na era das revoluções*[20]:

[20] A tese foi defendida na Unesp, campus de Araraquara, em 2001. Essa tese ultrapassa, com grande profundidade, desmistificação e crítica, as superficiais referências a Pestalozzi que perpassam as obras educacionais em nosso país.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 32 21/10/2010, 09:45

uma análise do pensamento de Pestalozzi e Fröbel*,* de Alessandra Arce, assim escreve:

> Pestalozzi e Fröbel. Dois clássicos do pensamento pedagógico. Duas grandes referências da história da educação. Dois nomes amplamente conhecidos de todos os educadores e, ao mesmo tempo, dois grandes desconhecidos. Com efeito, seus nomes aparecem em quase todos os manuais de história da educação, de psicologia da educaão, de pedagogia e de didática. No entanto, isso ocorre, como dizem os franceses, *en passant,* em menções passageiras sem que se tenha acesso ao contexto de seu pensamento, vida e obra, nem à sua ambiência pedagógica e nem mesmo aos seus principais textos. É essa lacuna que a presente obra vem preencher (Saviani, prefácio, apud Arce, 2002).

Essa constatação, ao mesmo tempo que se apresenta como denúncia, é também um anúncio, pois Saviani está se referindo à tese de doutoramento de Arce, cujo título é o mesmo do livro. Saviani, conclui sua apresentação:

> Este é um livro ao mesmo tempo denso em seu conteúdo, relevante pelo assunto de que trata, instigante pela forma que é escrito e profundamente educativo pela consciência crítica que o anima. Constitui pois, uma leitura obrigatória a todos os educadores. Todas as disciplinas do currículo escolar se beneficiarão com o acesso a esse texto. Oxalá os professores de todos os níveis de ensino lancem mão amplamente desta obra como um recurso educativo de primeira linha para elevar o nível da educação ministrada em nossas escolas (Saviani, prefácio, apud Arce, 2002).

As palavras de Saviani deixam explícita a importância da obra, ao mesmo tempo em que anunciam um novo tempo para os clássicos em educação: a necessidade de retomar seus textos originais e analisá-los criticamente.

Este foi o desafio que se impôs Arce (2002, p.11) em sua tese de doutorado ao analisar as obras de Fröbel e Pestalozzi, buscando suas concepções de homem, educação, sociedade, no contexto do "universo liberal e burguês do final do século XVIII e início do século XIX, apontando os reflexos desse universo nas obras desses educadores, bem como as consequências disso, em termos de

PESTALOZZI EDITADO.pmd 33 21/10/2010, 09:45

alienação do trabalho educativo". A pesquisadora buscou, criticamente, descobrir a riqueza educacional que esses pensadores possuem, mas que é desconhecida de grande parte dos pedagogos que, muitas vezes, se contentam com informações genéricas sobre o pensamento desses educadores.

Entre as dificuldades encontradas na elaboração de sua pesquisa, a professora aponta a falta das obras desses educadores em língua portuguesa, por isso afirma: "entendo que a tradução das obras desses pensadores para o português é uma lacuna ainda a ser cumprida no campo dos estudos educacionais e, principalmente, da história da educação" (Arce, 2002, p. 12).

Quanto aos resultados da pesquisa de Arce gostaríamos de salientar os que se referem aos germens que se tornariam, posteriormente, norteadores da pedagogia da escola nova:

> • A criança e seu desenvolvimento passam a ser o centro do processo educacional, a espontaneidade infantil deve ser preservada a todo custo através do simples guiar, pelo educador, das forças espirituais imanentes na criança.
>
> • A atividade como ponto central de toda a metodologia de trabalho, atividade esta que deve sempre se centrar nos interesses e necessidades da criança, respeitando-se seu ritmo natural de desenvolvimento, A educação escolar deve ser, portanto, ativa. [...].
>
> • A substituição do uso da disciplina exterior pelo cultivo da disciplina interior tão cara à moral protestante.
>
> • Um mínimo de matéria escolar em troca do máximo de possibilidades de desenvolvimento das habilidades e capacidades de cada criança com ajuda do trabalho, amor e alegria (Arce, 2002, p. 216).

Neste sentido, tanto Fröbel quanto Pestalozzi podem ser considerados pioneiros do movimento escolanovista, no qual se valorizaria mais o indivíduo, a criança do que o conhecimento científico. Em

PESTALOZZI EDITADO.pmd 34 21/10/2010, 09:45

consequência, o anterior status de professor, considerado o mestre-ecola, "apresenta-se cada vez menos como uma tarefa intelectual e cada vez mais próxima da maternidade mistificada. A atividade do professor, ou melhor, da professora, aproxima-se da ideia de acompanhamento dos processos naturais, tanto que a escola para crianças menores de seis anos torna-se um jardim de crianças e a professora vira uma jardineira de crianças" (Arce, 2002. p. 218). Desta forma, o conhecimento científico passa a ter menos valor do que a afetividade e os sentimentos. Pestalozzi considerava a educação como um processo que devia seguir a natureza, a liberdade, a bondade inata do ser humano, unindo mente, coração e mãos.

As ideias de Pestalozzi marcam uma vertente da pedagogia tradicional denominada pedagogia intuitiva, cuja base são os sentidos por meio dos quais se estrutura toda a vida mental. Para Zanatta e Souza (2010, p. 2) "a educação intelectual, resultante da organização das impressões sensoriais obtidas na relação homem-natureza, transforma as representações confusas em conceitos precisos e claros. O meio essencial da educação intelectual é a intuição". O método para obter bons resultados no processo educativo deveria partir do conhecido ao desconhecido; caminhar do concreto ao abstrato; acostumar a criança a fazer; não dizer à criança aquilo que ela pode descobrir por si mesma; seguir a ordem da natureza; dirigir a mente e os sentidos do particular ao geral, passando da visão intuitiva à compreensão geral, desenvolvendo nos educandos a capacidade de percepção e observação, mais do que a pura aquisição de conhecimentos. O método didático, para ele, consistia em partir da prática, por meio dos sentidos que deviam entrar em contato direto com os objetos, para chegar depois ao pensamento, às ideias. Por isso a percepção sensorial e a experiência sensorial como processo ativo são o fundamento de todo o conhecimento. Nessa mesma direção, muito antes de Pestalozzi, Comenius, em sua obra *Didática magna,* já afirmava que era necessário dar aos alunos, em primeiro lugar, a pró-

PESTALOZZI EDITADO.pmd 35 21/10/2010, 09:45

pria coisa, depois oferecer o discurso sobre ela, isto é, partir dos objetos por meio dos sentidos para chegar ao intelectual.

> Por isso é que a base do método intuitivo de Pestalozzi é a "lição de coisas", acompanhada de exercícios de linguagem para se chegar às ideias claras. O método da "lição de coisas" caracteriza-se por oferecer dados sensíveis à observação, indo do particular ao geral, do concreto experienciado ao racional, chegando aos conceitos abstratos. Daí a ênfase ao contato direto com a natureza, à observação da paisagem, ao trabalho de campo como pressupostos básicos do estudo. O professor deve buscar seu material no próprio meio que envolve o aluno, em situação real (Zanatta e Souza, 2010, p. 3).

Este princípio didático pestalozziano se refere a todos os tipos de aprendizagem, mas tem uma aplicação direta para o ensino de geografia, tanto assim que é atribuída a Pestalozzi a primeira tentativa de estabelecer o ensino desta área de conhecimento tendo como base a intuição. "Ele inaugurou o ensino de geografia local, estabelecendo como ponto de partida o pequeno mundo da criança para o estudo dos fenômenos geográficos por círculos concêntricos em que primeiro se apresentava aos alunos o "próximo" ou concreto, para em seguida tratar das áreas distantes" (Zanatta e Souza, 2010, p. 3).

Para por em prática seu método de ensino de geografia, Pestalozzi dispensou os esquemas, os mapas, o livro didático. A geografia devia ser aprendida no livro da natureza, conforme relata um de seus discípulos:

> Era no terreno que nós aprendíamos as primeiras lições de geografia. Um estreito vale nos arredores de Yverdon, no fundo do qual corre o Buron, era o ponto para onde de começo nos dirigíamos. Tínhamos, então, de contemplá-lo no seu conjunto e nas suas particularidades até que tivéssemos a intuição justa e completa do todo. Agora cada um de nós ia tirar punhados de um barro que ali existia, e com ele enchíamos as cestas que havíamos levado para esse fim. De volta ao castelo, tomávamos os lugares que se nos haviam indicado diante de longas mesas, para moldar em argila o vale que havíamos observado. Nos dias seguintes, novas excursões e novas explorações, cada vez mais extensas que tinham como consequência a ampliação do nosso trabalho. Assim

> íamos indo até que ficasse terminado o estudo da bacia do Yverdon e nós pudéssemos, do alto do Montéla, abarcar-lhe o conjunto. Dávamos, então, por acabado o nosso mapa em relevo, e era tempo de passarmos à carta geographica, para cuja compreensão nos havíamos preparado (*In:* Proença, [19..] p. 49 (sic), apud Zanatta, 2010, p. 3).

Essa descrição detalhada do processo de ensino pestalozziano, explicita bem o seu método de aprendizagem a partir dos sentidos, do concreto, caminhando, posteriormente, para a representação abstrata.

As ideias de Pestalozzi e seu método intuitivo difundiram-se por toda a Europa. Nos Estados Unidos as práticas do método intuitivo firmaram-se por volta de 1860, conforme pode ser constatado na obra *Primary Object Lessons for a Graduated Course of Development* de Calklins. "No Brasil, as ideias de Pestalozzi foram introduzidas pela tradução do manual e Calkins acima referido. A tradução e adaptação às condições brasileiras foram feitas por Rui Barbosa, em 1880. Este manual, intitulado *Primeitras Lições de Coisas* foi aprovado pelo governo imperial como livro texto na formação de professores e publicado em 1886" (Zanatta e Souza, 2010, p. 4). O objetivo de Rui Barbosa, ao traduzir a obra de Calkins, foi o de prestar um auxílio aos professores diante das dificuldades que estes encontravam para por em prática as ideias de Pestalozzi.

Segundo Zanatta (2005, pp. 177-178), "o objetivo de Rui Barbosa não era trazer apenas a contribuição de um formulário de lições de coisas, mas documentar uma nova orientação pedagógica desenvolvida nos países mais adiantados e colocar, pela primeira vez, os mestres brasileiros em contato com as ideias pestalozzianas". Rui Barbosa, com base nos princípios desse pensador, "criticou severamente os manuais de geografia adotados nas escolas primárias, considerando-os crimes pedagógicos". Isso demonstra que Pestalozzi, além das referências gerais que os manuais de psicologia da educação e história da educação apresentam, tem presença no Brasil desde há muito tempo, influenciando a metodologia

PESTALOZZI EDITADO.pmd 37 21/10/2010, 09:45

e a didática, especialmente na aplicação do método intuitivo no ensino da geografia, tornando-a um assunto interessante para o ensino elementar.

Ainda, conforme Zanatta (2005, p. 180):

> As ideias pedagógicas de Pestalozzi, introduzidas no Brasil por Rui Barbosa, demarcam a corrente pedagógica tradicional, denominada pedagogia intuitiva. Seu aspecto característico é oferecer, na medida do possível, dados sensíveis à percepção e observação dos alunos. Essa pedagogia fundamentava-se na psicologia sensualista, cujos representantes afirmavam que toda a vida mental se estrutura baseando-se nos dados dos sentidos, ou empregando um vocabulário pedagógico, valendo-se do concreto.

Para Pestalozzi, os sentidos foram considerados a porta de entrada de todo conhecimento. Essa visão opunha-se ao verbalismo intelectual predominante na Idade Média e mesmo no Renascimento. Foi um avanço no sentido pedagógico e didático. Todavia, a crítica que se faz a Pestalozzi centra-se no fato de que a assimilação dos conhecimentos se efetiva de modo passivo pelo aluno, uma vez que nem sempre existe a possibilidade de tudo experienciar. A maioria das ações são desenvolvidas pelo mestre, limitando-se os alunos a memorizá-las e repeti-las, nem sempre chegando a formular o pensamento abstrato. Isto não significa que seus princípios metodológicos não sejam válidos. Ele trabalhou dentro das limitações sociais, filosóficas, educacionais, políticas de seu momento histórico. As teorizações posteriores sobre o desenvolvimento do pensamento abstrato realizada por pedagogos e pensadores como Dewey, Piaget e Vigotski, entre outros, em nada desmerecem as ideias de Pestalozzi, ao contrário, as confirmam e enriquecem.

Pestalozzi acreditava, como a maior parte dos reformadores educacionais renascentistas, que a educação devia ser o principal meio das reformas sociais. Para ele a educação consistia no desenvolvimento moral, mental e físico da natureza da criança, de todas

PESTALOZZI EDITADO.pmd 38 21/10/2010, 09:45

as crianças, independentemente de suas condições sociais. Segundo seu método, a educação é o desenvolvimento natural, progressivo e harmonioso de todos os poderes e faculdades, plantados pela natureza, em todo ser humano. Para ele, a criança é um organismo que se desenvolve conforme leis definidas, ordenadas, como se fosse uma planta enraizada no solo. Essa ideia era comum para muitos pensadores da época,

Pestalozzi queria descobrir as leis de acordo com as quais a criança se desenvolve. Segundo ele, essas leis são tão bem definidas como as do mundo físico. Afirmava que o organismo possui três aspectos básicos: intelectual, físico e moral. Popularmente, esses aspectos denominam-se: cabeça, mão e coração. Cada um se desenvolve à sua maneira, conforme leis que podem ser comprovadas. Encontrar essas leis e usá-las adequadamente na instrução das crianças é tarefa da escola. A partir deste desenvolvimento orgânico, Pestalozzi deduz os princípios gerais de seu método de formação e instrução, no qual os três aspectos devem se desenvolver em harmonia. Contudo, a primazia é sempre da moral; os dois outros lhe são subordinados.

A criança se desenvolve de dentro para fora como, naturalmente, a semente se transforma em uma árvore; seus impulsos são inatos. Assim, "toda a instrução educativa deve ser extraída das próprias crianças e nascer dentro delas".

O processo pedagógico de Pestalozzi é marcado pela gradualidade, seguindo o desenvolvimento da natureza que não faz saltos, mas procede lentamente por acréscimos imperceptíveis. As matérias de estudo devem ser organizadas por etapas de transição, partindo do mais fácil para o mais difícil, tudo conforme a capacidade de realização da criança.

O método de toda educação consiste em um princípio muito simples: seguir a natureza. O professor é um jardineiro, cuja tarefa consiste em providenciar as condições para que a planta se desen-

PESTALOZZI EDITADO.pmd 39 21/10/2010, 09:45

volva, pois o princípio de seu crescimento está dentro dela mesma. O educador não acrescenta nada à criança, apenas vigia para que seu crescimento não seja prejudicado, mas siga o curso de sua própria lei.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 40 21/10/2010, 09:45

Como Gertrudes instrui seus filhos

A obra de Pestalozzi *Como Gertrudes instrui seus filhos* é a publicação de uma série de XII cartas dirigidas Gessner a partir do ano de 1801. *Come Gertrudis istruisce i suoi figli*, recorda a heroína do romance *Leonardo e Gertrude* elevada ao símbolo de pura e ativa maternidade, mas o subtítulo: "uma tentativa de dar à mãe a possibilidade de instruir seu próprio filho", exemplifica a intenção de Pestalozzi (p. xii).

Nas primeiras três cartas, o conteúdo é extremamente biográfico, onde expõe as suas ideias acerca da educação popular[21]. Pestalozzi sente a sua vida dominada pela missão educativa: "na crueldade dos eventos, dos erros e dos remorsos dos erros, da violência e da inquietude, do amor e da incompreensão dos homens, existe uma única saída que é a vontade de libertar-se, por meio da obra educativa, o povo da miséria e da ambição [...]". O método é o seu ideal educativo.

Na primeira carta Pestalozzi reapresenta o processo e o método ainda em formação e em elaboração na escola pestalozziana de Burgdorf. Quem descreve o método não e exatamente Pestalozzi, mas um expectador imparcial, Fisher, de cujo método cita e comenta em uma carta a Steinmüller. Mas na carta seguinte o método não aparece mais sobre o aspecto de seu simples valor didático destacado de um observador simpatizante:

[21] Lettera Prima, ao amigo Gessner, no ano de 1801. A segunda e a terceira são a continuação das suas ideias a respeito de seu método, da percepção dos homens e de seus valores e da fundação do Instituto, ocorrido em 1809.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 41 21/10/2010, 09:45

nas páginas autobiogáficas de Krüsi e de Tobler, primeiros entre os colaboradores de Pestalozzi. Isso nos apresenta como uma forma ideal de educação na qual o ardor educativo de um e a sabedoria pedagógica do outro encontram a sua satisfação e juntos o seu equilíbrio e a sua integração, mas mais ainda, o novo método, é, na terceira carta, pelo espírito atormentado de Buss, a descoberta da única via de redenção da humanidade, da miséria e do aviltamento.

Na quarta carta, Pestalozzi retorna à luta na escola de Burgdorf, às tentativas, às experiências, das quais, segundo ele, vimos envolvidos empiricamente determinados e ainda incertos, às exigências metódicas fundamentais. Na carta seguinte, esta situação está mais definida: o processo didático, por corresponder à organicidade pessoal, ou como disse Pestalozzi, da necessidade físico-mecânica no desenvolvimento da força intelectiva deve obedecer a uma tríplice condição: partir de elementos simples adequar-se à concretude sensível da experiência infantil, aderir à situação concreta de sua existência. Os elementos são, então, para descobrir na intuição como os seus internos princípios de desenvolvimento em torno da clareza de uma consciência conceitual.

A sexta carta apresenta a descoberta de três elementos da intuição: a palavra, a forma e o número. As duas cartas sucessivas são dedicadas ao método especial dos ensinamentos que a palavra, a forma e o número se referem. Em primeiro lugar, se trata dos estudos dos sons, da palavra e da língua em geral. Em segundo, da arte da medida, do desenho e da escrita, em terceiro lugar, do estudo do cálculo que é o mais importante para formar, no espírito a atitude do pensamento racional. Para confirmar as vantagens didáticas de tal método especial e interromper a exposição minuciosa e fatigante, exigindo consciência dos fins superiores, à qual visa a nova teoria educativa, a nona carta contém uma crítica vivaz aos métodos de educação em uso nas escolas europeias.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 42 21/10/2010, 09:45

Críticas que se referem, seja aos velhos métodos tradicionais, seja aos novos introduzidos pela corrente iluminista: um e outro culpados de impor à criança um saber que a própria criança estranha, e esteriliza nela a fonte de energia espiritual, da fé em si mesma: da fé nos homens e do amor pela verdade.

A décima carta expõe a didática, indicando o processo de conexão gradual dos vários estudos. Mas a eficácia do método no campo do saber o convence que isto pode e deve ser aplicado no campo da atividade técnica. Assim, Pestalozzi esboça na décima segunda carta as linhas de uma didática elementar de um trabalho profissional, problema que, por razões intrínsecas se não existir, o professor tentará em vão, alcançar suas metas. As duas últimas cartas se referem à educação moral ou religiosa, ou melhor, contém a interpretação de tal educação a partir do ponto de vista metodológicos/metódicos. Os sentimentos de fé, de amor, de obediência que surgem na criança através da mãe amorosa, são as formas elementares de onde deverá desenvolver a consciência ética e religiosa. De mão em mão que estendem aos outros homens e a Deus, criando, no fundo da raiz da individualidade sensível, a personalidade espiritual.

A obra *Como Gertrudes ensina seus filhos* tem uma posição central no desenvolvimento pestalozziano. É, em verdade, a primeira e completa exposição das doutrinas pedagógicas de Pestalozzi.

Portanto, esta obra serve de referência aos educadores e escolheram-se, assim, pequenos excertos para se ter uma noção da forma de mensagem deste educador.

Para melhor compreender a contribuição de Pestalozzi para a pedagogia, sugere-se que, a par de suas principais obras, nos remetamos a análise de uma série de cartas dirigidas a amigos, como a Enrico Gessner, que era um editor de Zurique, e a um amigo inglês James Pierpoint Greaves, estas últimas em número de 34, e que constituem o livro Cartas sobre educação infantil, redigidas nos anos de 1818 e 1819.

Na primeira carta, datada em 1 de outubro de 1818, Pestalozzi explica o propósito das cartas encomendada para expor suas ideias sobre o desenvolvimento da alma infantil. A segunda, em 3 de outubro de 1818, e intitulada "Atitudes da mãe para cumprir sua missão" em que demonstra a importância da ação da mãe no desenvolvimento do seu filho; na terceira, de 7 de outubro do mesmo ano, intitulada "Primeiras manifestações do desenvolvimento da criança" o autor expõe as suas ideias sobre o tema; na quarta carta, "tomada de consciência da mãe a respeito da educação de seu filho", foi datada em 18 de outubro de 1818, mostra a preocupação da mãe em saber como deverá direcionar as nascentes faculdades de seu filho e quais delas exige uma atenção mais cuidados e quais podem ser deixadas ao seu curso natural; a quinta carta, de 24 do mesmo mês e ano, assinala a "importância do coração na conduta humana"; na sexta, de 31 de outubro de 1818, o autor trata do tema "na criança aflora uma vida espiritual"; na seguinte, de 8 de novembro do mesmo ano, escreve sobre a "Predisposição da criança à bondade"; na oitava carta, de 15 do mesmo mês e ano, discute a tese contida na carta anterior; na nona carta – o pouco valor da criança no primeiro período de sua vida, escrita em 20 de novembro do mesmo ano. A décima carta, de 27 do mesmo mês e ano, Pestalozzi aborda "os primeiros indícios da vida superior da criança"; na décima primeira carta, de 5 de dezembro de 1818, trata da "relação afetiva entre mãe e filho"; na décima segunda, 3 dias após, enfoca a "seriedade no modo de satisfazer as necessidades da criança"; a décima terceira carta, de 12 de dezembro do mesmo ano, discorre sobre "o afeto, não o temor, constitui o meio de dominar os impulsos instintivos da criança"; na décima quarta, "a educação do sentimento de amor e confiança do filho à sua mãe", datada de 17 de dezembro; a décima quinta carta é intitulada "Função superior do afeto da criança à sua mãe, atitude desta frente o afeto de seu filho", de 24 de dezembro; a décima sexta carta, de

PESTALOZZI EDITADO.pmd 44 21/10/2010, 09:45

31 de dezembro, se refere "a função educadora da mãe exige abnegação pessoal"; na décima sétima, de 7 de janeiro de 1819, Pestalozzi discorre sobre "o verdadeiro amor materno implica corrigir ao filho"; na décima oitava, sete dias após, trata da "vinculação e desvinculação afetiva entre mãe e filho"; a décima nona carta, de 19 de janeiro, é intitulada "Como reagir frente às tendências naturais da criança. Os primeiros passos que este dá"; a vigésima, de 25 de janeiro, trata de como" começa a formação da inteligência. Ampliação do circulo de relações", na vigésima primeira, o autor define educação, enfatizando que esta deve ter um princípio unitário, cuja carta denominou "Ideias sobre educação. Atenção que há de se prestar ao desenvolvimento de todas as faculdades" e que foi redigida em 4 de fevereiro de 1819.

Nas cartas seguintes, Pestalozzi trata da educação por meio das disciplinas específicas. Assim, na vigésima segunda carta, de 10 de fevereiro se refere "A educação física pela ginástica"; na vigésima terceira, de 18 do mesmo mês, se refere aos "exercícios para o desenvolvimento dos sentidos. A música como meio educativo"; na vigésima quarta, do dia 27, mostra a "utilidade pedagógica do desenho e a modelagem"; na vigésima quinta, de 5 de março, retorna o enfoque na família, abordando a "evolução social positiva em questão de educação. Importância da função educativa na família"; na vigésima sexta, de 15 de março, afirma que "toda mãe é primeira educadora e instrutora de seu filho"; na vigésima sétima, de 20 de março, mostra a "conveniência de que a mãe seja uma pessoa culta e formada, ideias sobre a educação feminina"; na vigésima oitava, de 27 do mesmo mês, se refere a "superação da memorização mediante a compreensão e a intuição das coisas"; na vigésima nona, de 4 de abril, impõe que "ensinemos aos filhos a entender as coisas e a refletir sobre elas"; na trigésima carta, de 10 de abril, o tema é sobre "o interesse da criança pela aprendizagem. Meios adequados e meios inadequados para suscitá-lo", a trigésima primeira, de 17 de abril,

PESTALOZZI EDITADO.pmd 45 21/10/2010, 09:45

recebe o título "O método da intuição com seus elementos de número, forma e linguagem. Resultados excelentes a que dá lugar em aritmética. A aprendizagem da língua materna"; a carta trigésima segunda tem como titulo "O fim moral da educação. Importância do caráter moral da pessoa. A felicidade humana", datada em 25 de abril. A trigésima terceira, de 1 de maio trata da "Crítica dos meios de estímulo baseados no temor e na ambição pessoal da criança. A educação da vida afetiva. O sentimento religioso" e, finalmente a trigésima quarta carta, de 12 de maio de 1819, aborda o tema "O cristianismo na educação da criança".

Optamos por traduzir e transcrever apenas algumas cartas, em vista do reduzido espaço de que dispomos o que não significa que as demais cartas não tenham idêntica relevância.

Primeira carta[22]

Burgdorf, início do ano de 1801.

Meu caro Gessner[23].

Você me disse que já é tempo de eu expor publicamente as minhas ideias sobre a instrução/educação popular.

É isso exatamente o que eu quero fazer, expondo-te o mais claramente possível[24] essas minhas intuições, esses meus pensamentos em uma série de cartas.

A instrução/educação popular apareceu aos meus olhos como um imenso pântano: eu caminhei corajosamente em meio a este barro, até que reconheci as nascentes das suas águas e as causas de suas obstruções e o ponto onde teria sido possível abrir uma saída dessas águas estagnadas.

[22] Tradução de "Lettera Prima" por Dorothy Fraccalvieri e transcrita por Martha Ap. Santana Marcondes, inverno de 2009.

[23] Enrico Gessner, editor suíço, colega de Pestalozzi de antiga amizade.

[24] Lavater e Zimmermann em suas "intuições na eternidade". Lavater, teólogo e amigo de Pestalozzi. Zimmermann, nativo de Brugg, notável por ser filósofo e médico.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 46 21/10/2010, 09:45

Eu quero te conduzir um pouco através do labirinto no qual eu encontrei a saída, mais por acaso que por um engenho de arte.

Por longo tempo, desde a minha juventude, o meu coração se dirigiu com a força de uma irresistível corrente, sempre e só com a finalidade de fechar a fonte da miséria na qual eu vi, em torno de mim, afundado o meu povo.

Já se passaram mais de trinta anos que eu coloquei as mãos à obra e que ainda estou realizando. As *Efemérides* de Iselin podem testemunhar que o sonho dos meus desejos não é, neste momento, mais vasto do que aquele que então eu não procuraria traduzir agora[25].

Eu vivi por muito tempo na companhia de mais de cinquenta crianças miseráveis, dividi com elas na pobreza o meu pão, vivi também como um mendigo para aprender viver como são os mendigos homens[26].

O ideal da educação deles compreendia a agricultura, a indústria e o comércio. Para isto que diz respeito a este conjunto e ao essencial deste plano, em todos os três ramos eu possuía um sentido muito alto e seguro e hoje ainda eu não posso reconhecer neles erros fundamentais. Mas não é menos verdadeiro que em cada um destes ramos me faltassem os conhecimentos e as habilidades particulares aos quais meu espírito não sabia aplicar-se com firmeza. Além disso, eu não era suficientemente rico e estava muito isolado para suplicar por um pessoal que me faltava para isto, não havia ninguém para ajudar. E o meu plano faliu.

Também na imensa fadiga de tal tentativa eu tinha aprendido imensas verdades, nunca em nenhum tempo a minha confiança no seu valor foi tão grande como no momento em que esta estava

---

[25] Iselin foi filantropo iluminado, com ampla cultura, a quem Pestalozzi dedicou a segunda parte de "Leonardo e Gertrudes".

[26] Menção ao primeiro instituto aberto em Neuhof no ano de 1774 e sua informação da relação com a cidade e a carta a Iselin.

falindo. O meu coração se dirigia de forma invencível em direção a esse fim e caí, eu mesmo, na miséria, aprendi a conhecer sempre mais profundamente – o que não é dado a um homem feliz – a miséria do povo e as suas fontes[27]. Eu sofri aquilo que sofria o povo, e esses se mostraram a mim – como a nenhum outro – igual como eram eles. Eu vivi longos anos entre o povo como uma coruja no meio de outros pássaros. Mas entre o sarcasmo dos homes que me agrediram, entre os seus apóstrofos eles diziam: "Oh miserável! Você que é tão inepto, é mais ínfimo entre os operários para ajudar a si mesmo. Você vive sonhando em poder socorrer o povo!", e entre tanto sarcasmo que eu lia em todos os lábios, a irresistível aspiração do meu coração não parou nunca de se dirigir para o fim com a finalidade de fechar as fontes da miséria, na qual eu via, em volta de mim, afundado o meu povo; aliás, a minha força cresceu ainda mais. A minha desventura me trouxe novas e úteis verdades. Aquilo que não enganava ninguém me enganou sempre, mas isso que enganava a todos não me enganava mais.

Eu conheci o povo como nenhuma outra pessoa em minha volta. O rápido bem estar produzido pela introdução da indústria têxtil do algodão, a crescente riqueza, as casas novas pintadas de branco, as colheitas abundantes, até mesmo o ensino socrático de alguns mestres e os círculos de leitura dirigidos aos filhos dos empregados pelos barbeiros não me podiam mais enganar; eu via a miséria, mas não sabia colher a unidade dessas várias e separadas causas, assim que a força prática direta para remediar os seus males era longa pelo estender-se quanto o meu conhecimento das condições reais do povo. Até mesmo o livro no qual eu naquela época expressei o meu íntimo e puro sentimento, ou seja, "Leonardo e Gertrudes", foi a obra dessa minha impotência interna e restou entre os meus contemporâneos como um pequeno caule

[27] Nota nº 1 do apêndice das variações da *Edizione Cotta* de 1820.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 48 21/10/2010, 09:45

marmóreo que fala da vida, mas não se priva dessa mesma vida. Muitos concordaram com ela com um olhar, mas compreenderam os meus objetivos tão pouco, quanto pouco eu compreendi aquelas forças e aqueles conhecimentos particulares que eram necessários para atuá-los.

Eu me abandonei e me perdi num turbilhão do impulso de uma atividade exterior, antes de ter suficientemente colocado em mim mesmo os seus fundamentos internos[28].

Se eu tivesse podido antes fazer isto, em qual altura eu estaria no íntimo elevado através desses fins que eram muito importantes para mim quanto rapidamente eu teria podido alcançá-los. Mas eu permaneci longe, porque eu não era digno disso, visto que ali eu procurei só exteriormente; eu permiti que o amor pela verdade e pela justiça me transformasse em uma cega paixão que me jogou sobre as ondas da vida, como um arbusto que foi arrancado de suas bases e dia a dia impediu que as minhas raízes, de novo, se reforçassem sobre um sólido terreno e ali encontrassem aquele nutrimento que era assim tão necessário para a finalidade que eu tinha na vida. E era em vão esperar que outros arrancassem esses arbustos das ondas e o recolocassem sobre o terreno em que eu mesmo não sabia me manter.

Amigo! Quem tem nas suas veias só um pouco de sangue que corre nas minhas, conhece agora o abismo onde eu deveria precipitar-me. E você, meu Gessner, antes de ler, concede à minha sorte ao menos uma lágrima.

Um profundo mal estar tomou posse então de mim: na minha paixão aquilo que é a verdade eterna e eterno direito, se transformava em quimeras. Eu me agarrei cegamente a palavras e aos sons que em mim perdiam todo o sentido da verdade interna, e assim diariamente eu me tornava miserável sempre mais no culto dos lugares

---

[28] Referência à participação aos acontecimentos revolucionários nos anos 1792-1799.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 49 21/10/2010, 09:45

comuns e naquelas insensatas receitas de charlatães, com os quais os tempos novos pretendiam salvar o gênero humano[29].

Também não era que eu não tivesse consciência desse meu naufrágio e que eu não procurasse me proteger. Eu gastei três infinitos anos para compor as "Pesquisas sobre o processo da natureza do desenvolvimento do gênero humano"[30], com a precisa finalidade de esclarecer a mim mesmo a concatenação das minhas ideias prediletas e de harmonizar os meus sentimentos naturais com as minhas ideias em relação ao direito civil e a moralidade. Mas essa minha obra é para mim só uma prova da minha interior impotência, um simples jogo da minha faculdade de investigação, unilateral, dominada pelas minhas tendências individuais, insuficiente para dar aquela força prática, que era tão necessária para as minhas realizações. A desproporção entre a minha capacidade prática e as minhas intenções aumentou ainda mais e a lacuna que eu devia preencher para alcançar os fins propostos se tornou sempre maior e sempre mais difícil de superá-la.

E na realidade eu não colhi mais do que havia semeado. O resultado do meu livro em torno de mim era o resultado de alguns trabalhos meus. Ninguém me compreendeu e entre os meus conhecidos não encontrei nenhum que me fizesse discretamente entender que eles consideravam o meu livro como uma bobagem. E ainda ultimamente um homem de valor, que também me ama, me dizia a propósito com a desenvoltura própria dos suíços: "Não é verdade Pestalozzi, que você hoje tem que reconhecer, que quando escreveu aquele livro não sabia bem nem mesmo o que queria?"[31]. Também esse era o meu destino: ser subestimado e sofrer injustiça; eu deveria ter compreendido, mas não o fiz. Às adversidades se opuseram o desdém e o desprezo para com os homens. Com tudo isso eu não

---

[29] "Di tali tempi" é uma expressão característica da carta, de outubro de 1793, de Pestalozzi a Nicolovius.

[30] A preparação desta obra foi fundamental para o pensamento pestalozziano. Durou de 1794 a 1797, ano em que foi publicada.

[31] Nota nº 1 do apêndice das variações da *Edizione Cotta* de 1820.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 50 21/10/2010, 09:45

me desviei do meu objetivo, mas este se obscureceu em determinações parciais e viveu em uma fantasia desesperada em um coração descontente. E sempre, cada vez, quis cultivar sobre um terreno já desconsagrado a sagrada planta do bem dos homens.

Oh Gessner! Eu que nas minhas pesquisas tinha mostrado que todas as exigências do direito civil, não eram exigências da minha natureza animal e que as tinha, por isso, concebidas como um obstáculo essencial aquilo que só tem valor para a humanidade: ou seja, a pureza moral. Eu me abaixei até o ponto, sob o impulso da violência exterior e da paixão interna para esperar que com o simples nome da verdade e do direito se pudesse agir beneficamente sobre os homens do meu tempo que, com a acepção de poucos, viviam de sentimentos superficiais, aspiravam ao poder e procuravam as mesas bem postas, com muita riqueza, com as benesses oriundas do poder[32].

Com os meus cabelos grisalhos eu ainda era um menino, mas um menino de alma profundamente perturbada. Também em meio à tempestade daquela idade eu tinha fixado o ânimo para o objetivo da minha vida, mas a minha concepção era tanto unilateral quanto escura. Eu agora procurava o caminho para colocar a luz, em modo geral, às antigas fontes da desordem civil, com a exposição apaixonada dos princípios do direito e dos seus fundamentos, com o tirar vantagem da potente reação contra alguns dos sofrimentos do povo. Mas se as mais altas verdades que eu tinha em precedência afirmado tinham sido só vãs palavras, para aqueles que viviam ao meu redor, com maior razão o meu novo modo de ver as coisas não podia aparecer para eles nada mais do que bobagem. Eles, como sempre, enlamearam também estas ultimas verdades na própria lama deles e permaneceram como eram, e, aliás, se revoltaram contra mim. Eu deveria, mas não soube prever, porque envolvido pelos sonhos das minhas esperanças eu voava entre as nuvens e o egoísmo, não me abria os

[32] Referência aos escritos e sobre a campanha política dos anos de 1797 a 1799.

olhos sobre os homens que me circundavam. Eu me deixei enganar não só pelos astutos, mas também pelos loucos, e permiti a cada um deles que se apresentassem diante de mim com uma boa palavra, mas também com bons sentimentos. Também eu conheci o povo e as causas do seu embrutamento e da sua decadência melhor do que qualquer outro. Eu queria só e simplesmente destruir essas causas, tirar esse mal. Mas os homens novos (novos homens) da Elvezia, que tinham objetivos mais vastos e não conheciam o povo, encontraram naturalmente o que eu não fazia por ele. Esses homens que na sua nova posição, como pessoas em meio a uma tempestade, pegavam qualquer raminho para introduzir numa árvore principal a quem a República pudesse apoiar-se para alcançar um porto seguro, consideravam-me e só me consideravam como um pequeno ramo, a quem nem mesmo um gato pudesse se agarrar. Sem saber e sem querer, eles me fizeram bem, mais do que alguém poderia ter feito por mim. Eles me reconduziram a mim mesmo, num estupor silencioso no qual eu considerava os seus esforços para salvar um navio em perigo. Além disso, não avaliaram em mim que o pensamento que eu tinha formulado desde os primeiros momentos de insegurança: "Eu quero me tornar um professor de escola". Nesse ponto eu tive a confiança deles eu me tornei um professor e desde então eu sustentei uma luta que me obrigou mesmo contra o meu querer, a preencher as lacunas da capacidade interna que me impedia de alcançar o objetivo da minha vida.

Amigo! Eu quero expor abertamente para você aquilo que eu fui e aquilo que eu fiz a partir daquele momento. Por mérito de Legrand, eu tinha obtido a confiança do primeiro Diretório para aquilo que se relacionava à educação popular e estava ao ponto de iniciar no cantão de Argovia um vasto plano de educação[33], quando explodiu o incêndio de Stans, e Legrand me suplicou de escolher

[33] A atividade de Pestalozzi na Argóvia se desenvolve de maio a outubro de 1798. Em 25 de outubro apresentou ao diretório um projeto para a instituição de uma escola profissional para os pobres, que foi aprovado e sustentado por Stapfer, então ministro da Arte e Ciência. A fundação do Instituto em Stans foi decidida em 18 de novembro de 1798.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 52 21/10/2010, 09:45

como centro de minha atividade aquele lugar desventurado. Fui até lá. Eu teria descido até os mais ásperos barrancos das montanhas para aproximar-me da minha finalidade, e eu me aproximei realmente. Mas pense em minha condição: sozinho, privado completamente de qualquer ajuda e subsídio para a educação; ao mesmo tempo, diretor, administrador, serviçal e, sobretudo vigia, em uma casa quase que completamente destroçada, entre a ignorância, as doenças e as novidades dos costumes. O número de crianças subiu pouco a pouco até alcançar o numero de oitenta, todos de diferentes idades, alguns arrogantes, outros habituados a pedir esmolas pelas ruas, todos com poucas exceções absolutamente ignorantes. Mas qual tarefa teria sido educá-los e desenvolver a alma deles?

[...]

E visto que eu fui obrigado, a instruir sozinho sem outras ajudas, as crianças, aprendi a arte do ensino mútuo; e como eu não tive à minha disposição outro meio além do da pronúncia em voz alta, me surgiu naturalmente o pensamento de fazê-los escrever e trabalhar durante o estudo dessas crianças. A desordem produzida pelo número de crianças que repetiam em coro as minhas palavras me sugeriu a necessidade do ritmo e pronúncia rítmica acrescentou a impressão produzida pelo ensino. A absoluta ignorância de tudo me induziu a pensar longamente sobre os princípios, e aquilo que me permitiu experimentar o rigoroso elevar-se das energias espirituais que conseguem o completamento dos primeiros graus de instrução e os benefícios resultantes do sentimento de tal completamento e perfeição também nos graus mais baixos de ensino. Então eu compreendi como ainda eu estava conseguindo compreender a conexão entre os primeiros elementos e o sistema complexo de cada ciência. E tive consciência pela primeira vez, da imensa lacuna que o estudo confuso e incompleto dos primeiros elementos produz em cada sistema do conhecimento. Os resultados que obtive na sequência dessas observações superaram a minha própria expectativa. Rapidamente se desenvolveu

PESTALOZZI EDITADO.pmd 53 21/10/2010, 09:45

nas crianças a consciência de força que elas ignoravam e principalmente o sentimento geral da harmonia e da beleza. Elass adquiriram consciência de si e o sentido de peso da vida escolar desapareceu da minha escola como que por encanto. Elas queriam, podiam e perseveravam, conseguiam e sorriam contentes. O estado de ânimo delas não era aquele de quem estuda, mas de quem sente que está desenvolvendo em si as forças vivas ignoradas e o sentimento que eleva o espírito e o coração nos quais se toma conhecimento de suas próprias forças.

As crianças instruíam as crianças. Eles realizaram os meus projetos. Também a isso me tinha conduzido a necessidade. Visto que eu não tinha nenhum colaborador, eu coloquei um dos meus melhores alunos entre dois dos que tinham maior dificuldade. Essa criança ensinava-lhes o quanto podia e eles aprendiam a repetir aquilo que não sabiam.

Gessner! Meu caro amigo você já ouviu o barulho desse estudo incomum, você já viu o entusiasmo e a alegria. Diga-me que sentimento você experimentou com tal visão. Eu vi suas lágrimas e meu peito ardeu de indignação por quem ousava ainda dizer que a redenção do povo não era mais que um sonho.

Não, não é um sonho. Eu quero colocar a arte na mão da mãe, na mão da criança e na mão da inocência, e o miserável vai calar a boca e não poderá mais repetir: isso é um sonho!

Meu Deus! Como eu te agradeço pela minha miséria! Sem a qual eu não poderia pronunciar essas palavras e impor silêncio àquele homem.

A minha convicção agora é muito sólida. Por algum tempo eu não fui assim. [...]

As crianças confusas ainda nessa ignorância a qual você pode dar uma culpa, eu descobri uma viva força da intuição e uma certeza na retenção daquilo que já tinha visto e conhecido do qual os nossos fantoches escolares não tinham a menor ideia.

Deles eu aprendi e deveria ter sido cego por não aprender a relação natural que se deve dar entre o estudo do alfabeto e o conheci-

PESTALOZZI EDITADO.pmd 54 21/10/2010, 09:45

mento dos objetos reais. Deles eu aprendi quanto o estudo exclusivo do alfabeto e a confiança incondicional colocada nas palavras em si, são puros sons e vozes e pode interferir na força efetiva da intuição e na consciência concreta dos objetos que estão em volta delas.

Para saber isso é que cheguei a Stans. Eu sentia que as minhas experiências eram decisivas para possibilidade de fundar a instrução do povo em bases psicológicas de colocar no seu fundamento os reais conhecimentos intuitivos e arrancar a máscara da validade de sua superfície e ostentação de palavras. Eu sentia que frente aos homens de engenho agudo e de fresca energia espiritual, eu teria sido capaz de resolver o problema; mas visto que me era tão claro para mim eu não podia persuadir a multidão escrava de prejuízos semelhantes aos pintainhos que não haviam saído do ovo e que cresceram dentro do galpão e da cozinha, e não perderam por isso, a capacidade de voar e de nadar.

Era reservado a Burgdorf de me adestrar a isso na escola.

Mas você que me conhece, sabe com qual ânimo eu parti de Stans. Quando um náufrago, depois de longas noites angustiantes chega, finalmente, à terra, abre seu peito para a esperança da vida; mas se de novo ele se vê conduzido pelo vento inimigo no seu infinito mar, tremendo em todas as veias mil vezes ele invoca a morte, mas não se precipita no abismo e fixa os olhos cansados e olha em volta de si e procura de novo a margem. [...]

Assim, sem ter a clara consciência do princípio a que eu obedecia, eu comecei, nas explicações que eu dava às crianças, a considerar os objetos de acordo com a relação com os quais eles eram habituados entrar em direto contato com os seus sentidos e, decorando até o limite extremo os elementos iniciais do ensinamento e querendo determinar o tempo no qual esse tem princípio, cheguei à convicção, que a primeira hora da aprendizagem é a hora do nascimento. A partir do momento em que os sentidos da criança podem receber as impressões da natureza, esta o educa. A própria novidade da vida não é outra coisa que a faculdade de se desen-

PESTALOZZI EDITADO.pmd 55 21/10/2010, 09:45

volver, de receber essas impressões, que o despertar dos germes físicos levados à perfeição, os quais agora tendem com todas as suas forças e com todas as suas energias a provocar tal desenvolvimento interior, ou seja, o despertar, em suma, do animal já perfeito que quer e deve se tornar homem.

Toda instrução não consiste, portanto senão na arte de favorecer essa inclinação da natureza ao seu próprio desenvolvimento. E essa arte repousa essencialmente sobre a natural relação da harmonia que deve existir entre as impressões que suscita no aluno e o grau de desenvolvimento da sua energia interior. Deve existir ali, portanto, necessariamente, uma ordem segundo a qual as impressões devem ser suscitadas na criança por meio do ensinamento, ordem cujo princípio e cujo processo devem depender do princípio e do progresso da energia interior da criança. Eu compreendi então que a descoberta dessa ordem em todos os campos do conhecimento humano e, particularmente, nas noções elementares do qual depende o desenvolvimento do espírito humano é o meio simples e único para conseguir compor verdadeiros livros escolares instrutivos conforme a nossa natureza e as nossas necessidades. Eu reconheci, além disso, que na composição desses livros importa, antes de tudo, dar uma graduação à matéria do ensino, em correspondência ao grau de desenvolvimento das energias da criança em todos os três campos. Determinar com a máxima precisão quais noções convém às várias idades da criança para não tirar nada daquilo que ela é capaz de compreender e de não confundi-la com quanto supera a sua capacidade de entendimento.

Então se tornou claro para mim que a criança deve já ter adquirido amplas noções, seja de coisas como de palavras antes que racionalmente convenha ensinar a ela a dizer as sílabas e esse pensamento me persuadiu que a criança seja, desde a primeira idade, conduzida com um método psicológico a uma intuição das coisas, de acordo com uma ordem racional. Mas, visto que tal direcionamento não pode

PESTALOZZI EDITADO.pmd 56 21/10/2010, 09:45

conceber-se nos homens assim como hoje são, nem esperar deles sem que haja uma concomitância com uma arte pedagógica eu tive, necessariamente, que sentir a necessidade de livros de instrução que precedessem o abecedário e que deixassem claro em antecipação às crianças por meio de ilustrações bem escolhidas e bem feitas os conceitos que se querem comunicar a eles com a palavra.

A experiência confirmou plenamente esse meu pensamento. Uma ótima mãe confiou aos meus ensinamentos em particular a sua criança de somente três anos de idade. Por algum tempo eu lhe dei aulas uma hora por dia e nessas primeiras eu apliquei esse método de forma muito tímida. Eu recorri às letras do alfabeto, às figuras e tudo aquilo que me caia nas mãos para lhe ensinar. Ou seja, para formar nela com todos esses meios conceitos e expressões determinadas. Eu fiz com que ela denominasse com precisão aquilo que ela conhecia de cada coisa: a cor; os elementos; a posição, a forma e o número. Mas eu tive bem cedo que deixar de lado as mal vistas letras do alfabeto que eram o primeiro termômetro da infância. Ela queria só imagens e objetos e depois de breve tempo ela pode expressar-se com precisão sobre as coisas que entravam naquilo que ele conhecia, dentro da sua área de conhecimento. Pela rua, no jardim e em seu quarto ela encontrou a confirmação das suas noções e logo ela chegou a reconhecer na história natural do Buffon também os animais menos conhecidos e a lembrar os nomes mais difíceis em curso pela sua ordem e a fazer observações e distinções sutis sobre os animais, sobre as plantas e sobre o homem.

Todavia, este experimento não era decisivo para determinar o momento no qual tem início a instrução. Também essa criança tinha atrás de si três anos perdidos. E eu estou convencido de que a natureza deu à criança consciência determinada de um número infinito de objetos. A nós não resta senão apropriar, com a arte psicológica, as palavras destas cognições para elevar a um grau mais elevado de clareza. Assim, as crianças chegarão a colocar nis-

PESTALOZZI EDITADO.pmd 57 21/10/2010, 09:45

so também o que a sua própria natureza ensinou a eles: os ensinamentos da arte e da verdade de inúmeras formas reciprocamente a usar os ensinamentos diretos e espontâneos da natureza para esclarecer os princípios da arte e da verdade o que eles querem aprender. Tanto a energia deles como as suas experiências são, naquela idade, desenvolvidas suficientemente, mas as nossas escolas com seus procedimentos antipsicológicos não são [mais] que um sistema artificioso para esterilizar aquela força e aquela experiência à qual a própria natureza deu vida nas crianças.

Lembre-se, meu amigo, por um momento, do horror deste delito. Até os cinco anos se concede às crianças a liberdade e o prazer da natureza e se deixa que cada impressão que dela deriva aja sobre eles. Eles têm consciência da própria força e aproveitam disso com todos os sentidos da própria liberdade e dos os prazeres que dela derivam. O livre processo da natureza, segundo o qual se desenvolve na satisfação da sua sensibilidade selvagem tem já adquirido em nós uma direção bem determinada. Depois que eles aproveitaram bem os cinco anos dessa alegria, da vida sensível, abruptamente a gente tira deles essa inteira natureza e se freia tiranicamente o processo impulsivo da desenfreada liberdade, e eles se fecham em fileiras em uma sala empesteada e se obrigam por horas, dias, semanas, meses e anos inteiros sem piedade a contemplar a miséria, áridas e uniformes letras do alfabeto, e se condena a um modo de vida que contrasta com aquela precedente [...].

Que deficiência é para nós a falta de um tal livro. Deficiência não só porque temos que substituí-lo com a nossa arte, mas porque este não pode ser de tal arte substituído. Mas a nós falta até mesmo seu espírito, bem que esse, por obra da natureza, sem a nossa participação, viva em tudo que nos circunda, tanto que temos que usar de violência contra nós mesmos, quando em nossas escolas e quando com seu exclusivo ensinamento alfabético sufocamos a última chama do fogo com a qual a natureza quis imprimir em nosso coração.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 58 21/10/2010, 09:45

Mas eu volto ao argumento.

Enquanto, portanto, para definir o método a favor das crianças, que já deveriam ter sido formados desde o berço, eu procurava descobrir os primeiros elementos de cada estudo, de cada energia espiritual com as crianças que, educadas fora de todo o método, eu tinha agora em minhas mãos, seguia regras que pareciam feitas opostas aos meus princípios e, particularmente, a ordem psicológica para a aprendizagem dos conhecimentos reais e verbais, segundo a qual deveriam ter se desenvolvido os conceitos das crianças. Na verdade eu não devia fazer de forma diferente: eu deveria descobrir às cegas o grau de energia alcançado por eles, pelo espírito deles, antes e fora da minha intervenção. Eu me coloquei como me era possível em todos, não obstante o abandono no qual eles tinham sido deixados, encontrei um grau altamente superior dado à inconcebível falta de qualquer método e ação educativa, eu teria considerado possível. Onde se tinha exercitada a ação dos homens eu encontrei uma enorme enfraquecimento, mas isto não tinha conseguido eliminar a natureza. A experiência me ensinou e eu devo dizer que ocorre muito mais tempo do que se creia porque o erro e a ignorância dos homens sufocam completamente um coração infantil e a nossa natureza. Deus mesmo colocou contra tal loucura de destruição uma incoercível força em nosso peito. Essa força atinge vigor pela vida e pela verdade da natureza, que nos dá leveza à nossa volta e pela bondade do Criador o qual não quer que aquilo que em nosso intimo é santo e seja perdido por causa da nossa ingenuidade, mas que todos os filhos dos homens cheguem com segurança ao conhecimento da verdade e da justiça de modo que eles não percam a dignidade de sua natureza interior, ou seja, pela sua própria obra e que eles não se percam no labirinto do erro e no abismo do vício; que isso seja pela sua própria culpa e com plena consciência. Mas os homens não sabem aquilo que Deus faz por eles e não dão alguma importância à incalculável influência que a natureza tem sobre nossa

PESTALOZZI EDITADO.pmd 59 21/10/2010, 09:45

educação. Levam, ao contrário, em grande conta, todas as pequenezas que eles acrescentam, cegamente, à sua ação potente como se sobre o gênero humano tudo pudesse sua arte e nada à natureza. Entretanto, só a natureza pode produzir o nosso bem; essa sozinha e incorruptível e tem sustentação, nos guia para a verdade e para a sabedoria. Quanto mais de perto eu seguir os seus passos, procurando concordar a minha obra com a sua, quanto mais eu direcionei a minha atividade para seguir-lhe passo a passo, tanto mais me pareceu que seus passos eram gigantescos e a criança tem sempre em si a força de segui-los. Eu não encontrei outro defeito senão no modo de usar essas energias que estão em movimento na criança, eu mesmo percebia errar enquanto eu pretendia empurrar um vagão que não era para ser empurrado, mas só para ser carregado porque era capaz de se mover sozinho. Eu pensava bem nisso três vezes antes de admitir que as minhas crianças fossem incapazes de determinado trabalho. Eu pensava muitas vezes antes de dizer: esse é um trabalho impossível. Eles conseguiam isso pela sua idade, o que me parecia impossível. Eu fiz com que as crianças de três anos dissessem sílabas, as combinações mais complicadas só para trabalhar as absurdas dificuldades deles. Você mesmo meu amigo, escutou crianças de menos de quatro anos dizerem sílabas de memória, as frases mais longas e as mais difíceis. Você teria acreditado que isso seria possível se não tivesse visto? Assim eu expliquei para eles geografia; escritos com abreviações, e ensinei a ler em idade que sabe só dizer sílabas e pronunciar os vocábulos menos comuns, sugeridos somente com um par de sílabas. Você pode detectar com absoluta exatidão a importância com que liam aquelas folhas e a facilidade com que aprendiam a decorar os nomes.

Eu procurei ainda esclarecer, pouco a pouco, às crianças mais adultas algumas proposições das ciências naturais mais complexas e para eles incompreensíveis. Eles aprendiam as proposições, de memória, repetindo-as e lendo-as do mesmo modo que aprendi-

PESTALOZZI EDITADO.pmd 60 21/10/2010, 09:45

am uma série de perguntas e repostas relativas a elas. Em princípio foi – como acontece em todo ensinamento catequético – uma repetição de palavras obscuras e incompreendidas. Mas a perfeita distinção de simples conceitos; seu preciso ordenamento de acordo com essas distinções a própria consciência radicada na memória dessas palavras obscuras na própria obscuridade carente de luzes e de significados, despertou neles o sentido da verdade e a ideia dos objetos que eram colocados diante deles, uma ideia como um raio de sol que se tornava, pouco a pouco, mais potente dentro da densa neblina.

No curso dessas experiências vieram se desenvolvendo e se determinando em mim, sempre com maior precisão os princípios do meu método, e no conjunto me veio, dia a dia, mais claro que nos primeiros anos não se deve raciocinar com as crianças, mas limitar-se a aproveitar dos meios do desenvolvimento espiritual que estão à disposição deles:

1. Ampliar gradualmente o campo de suas intuições;
2. Imprimir em suas mentes com caracteres precisos, seguros, distintos as intuições nascidas em suas consciências;
3. Dar-lhes um conhecimento da língua tal como abraçar todas as noções que a natureza e a arte lhes forneceram e fornecerão.

Enquanto, como dizia, estes três princípios me vinham à mente sempre mais ratificando, desenvolvendo em mim também estas convicções:

1.Da necessidade dos livros de educação para a infância;
2. Da necessidade de uma explicação clara desses livros;
3. Da necessidade de exercitar as crianças a utilizar tais livros e suas explicações, conhecer os nomes e as palavras que devem se tornar familiares antes do momento da alfabetização (silabação das palavras).

A vantagem de possuir com o tempo um vocabulário extenso é incalculável para as crianças. A impressão viva da palavra faz com

PESTALOZZI EDITADO.pmd 61 21/10/2010, 09:45

que o objeto se torne inesquecível para eles. Uma vez conhecido, seguindo uma ordem exata preserva neles a consciência das relações concretas entre eles, dos objetos. A utilidade que deriva disso é progressiva. E não se deve acreditar que o estudo de algo que a criança não conhece por inteiro possa ser-lhe inútil. E certo que se ele estudando o A, B ou C consiga apropriar-se de uma grande parte do vocabulário cientifico e terá vantagem sobre as crianças que, sem sair de casa, se familiarize com o nome de infinitos objetos.

Quinta carta

[...]

Eu te expus brevemente essas proposições, das quais eu creio se pode tecer um método geral e psicológico de ensino. Mas essas não me satisfazem; sinto de não poder ainda representar-me na sua simplicidade e na sua extensão a essência da lei da natureza sobre a qual se fundam. Parece-me que essas têm em comum uma tríplice fonte.

A primeira dessas fontes é a própria natureza, por obra da qual o nosso espírito se eleva das intuições obscuras aos conceitos claros.

Dessa fonte derivam os seguintes princípios que devem ser reconhecidos como os fundamentos das leis eu pesquiso na natureza:

1. Todas as coisas que afetam os meus sentidos são, para mim, meios para alcançar as ideias exatas, somente como as suas imagens apresentam aos meus sentidos a sua essência invariável e imutável, em vez de suas variações mutáveis ou os aspectos particulares. Estes são, ao contrário, fonte de erros e de enganos se as suas imagens apresentam aos meus sentidos as suas propriedades acidentais em vez da sua essência.
2. A cada intuição profundamente, impressa no espírito humano e fixada na memória, se liga com grande facilidade e quase involuntariamente uma série de conceitos colaterais que estão mais ou menos em relação com aquela intuição.
3. Quando à essência de um objeto é impressa no teu espírito mais fortemente do que não nos seus aspectos particulares, o

PESTALOZZI EDITADO.pmd 62 21/10/2010, 09:45

mecanismo da tua natureza espontaneamente, te guia, nos aspectos particulares deste objeto, dia a dia, de verdade em verdade. Ao contrário quando os aspectos variáveis de um objeto são impressos no teu espírito mais fortemente do que na sua essência, esse organismo da tua natureza, dia a dia, nos aspectos particulares deste objeto, te guia de erro em erro.

4. Aproximando objetos da mesma natureza, o nosso juízo sobre a sua verdade interna adquire uma maior amplitude, essencialidade e universidade, se faz mais penetrante e mais seguro; a impressão parcial e predominante dos aspectos particulares se enfraquece em benefício da impressão que deve fazer sobre você a essência dos próprios objetos, o fascínio que exerce sobre o espírito a força isolada de impressão particular dos aspectos particulares, é vencido, e você é salvo do perigo de confundir ligeiramente a aparência exterior dos objetos com a sua essência e então conceder uma exagerada importância e preferência para uma coisa que a observação mais acurada se revelou inteiramente secundária, e de encher inutilmente a mente com estas vaidades.

Não pode ser de outro modo. Quanto mais o homem possui ideias extensas e gerais acerca das coisas, tanto menos é sujeito à influência nociva de ideias limitadas e particulares das próprias coisas; quanto menos, pelo contrário, ele é exercitado pela ampla intuição da natureza, tanto mais facilmente as ideias particulares de um aspecto mutável de um objeto podem nele confundir e obscurecer a ideia essencial do mesmo objeto.

5. Também a intuição mais complexa consta de elementos simples. Se tens este em teu poder, também aquilo que é complexo se tornará simples.

6. Quanto mais sentidos você emprega ao indagar a essência ou as qualidades fenomenais de um objeto, tanto mais exata se torna o seu conhecimento sobre este.

Esses me pareciam ser princípio do mecanismo físico, que derivam da natureza do nosso próprio espírito. A eles se conectam

PESTALOZZI EDITADO.pmd 63 21/10/2010, 09:45

as leis gerais deste mecanismo, do qual apontam agora somente esta: a perfeição é a lei máxima da natureza; tudo aquilo que é imperfeito não é verdadeiro.

A segunda fonte dessas leis físico-mecânicas é a sensibilidade da minha natureza, unida fortemente à faculdade da intuição.

A minha natureza, com efeito, oscila em cada uma de suas operações entre o desejo de conhecer e de saber tudo, e o desejo de desfrutar de tudo, que sufoca o impulso ao saber e ao conhecimento. Com a força física pura, a preguiça do homem é estimulada pela curiosidade, e a sua curiosidade é moderada pela sua preguiça. Mas tanto o estímulo de uma, como o freio imposto pela outra não tem, em si mesmas, mais que um valor físico. Ao contrário, como fundamento sensível da minha energia de investigação, por um lado, e como fundamento sensível da calma no juízo, por outro, tem um valor muito superior. Somente por meio da infinita atração que a árvore do conhecimento exerce sobre a nossa natureza sensível, nós chegamos ao saber; somente pelo princípio da inércia que impõe um fim preciso ao nosso superficial passar de uma intuição para a outra, pode amadurecer em nós, segundo várias direções, a verdade, antes que a demos expressão exterior.

Mas os nossos anfíbios pesquisadores de verdades não querem saber desse amadurecimento interior; esses vão coaxando pela verdade antes ainda de ter o pressentimento, nem mesmo o conhecimento. Mas na verdade não podem fazer outra coisa. Falta a eles tanto a força dos quadrúpedes para caminhar pela terra firme, quanto as barbatanas dos peixes para nadar acima dos abismos, quanto as asa dos pássaros para se elevar até as nuvens. Eles ignoraram, da mesma forma que Eva, a intuição desinteressada da realidade, e têm com ela em comum o destino de colher o fruto da verdade antes ainda que esteja maduro.

A terceira fonte dessas leis físico-mecânicas está na relação da minha condição exterior com a minha faculdade cognitiva.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 64 21/10/2010, 09:45

O homem é ligado ao seu ninho e quando o suspende por cem fios e o circunda em cem voltas, que coisa ela faz a mais do que a aranha que suspende o seu ninho a cem fios e o circunda de cem voltas? E qual a diferença entre uma aranha um pouco maior e uma pouco menor? O seu modo de viver é essencialmente o mesmo: ambas estão no centro do círculo que elas traçaram. Mas o homem não pode escolher por si o centro no qual suspender-se e tecer a teia de sua vida; ele, como verdadeira natureza física, não tem outro critério para a verdade se não aquela da maior ou menor aproximação dos objetos que chegam à sua intuição, no centro da qual ele está (6) suspenso e tece a teia de sua vida.

Sexta carta[34]

Amigo, vê ao menos a pena que me aplico para te explicar os princípios teóricos de minha da minha empreitada. Valha esta para poder me desculpar pela pouco resultado prático. Já que até aos vinte anos renunciei ao estudo da filosofia no verdadeiro sentido da palavra, e por sorte a atuação prática do meu projeto não necessitava de filosofia alguma daquele gênero que me parece um tanto quanto vã e superficial.

No círculo da minha vida prática, vivia cada situação e cada problema com toda a intensidade que minhas forças permitiam; sabia que era isso que queria, não pensava no amanhã, mas sentia a cada instante que era isso que o presente exigia. E se por vezes a minha fantasia me levou muito além do terreno onde podia solidamente pousar os pés, logo refazia o caminho erroneamente percorrido. Isso me aconteceu milhares de vezes. Milhares de vezes acreditei ter-me aproximado da meta, encontrei-me de repente com o imprevisto e a meta que tinha a ilusão de ter sido alcançada não era mais do que novo obstáculo contra o qual me defrontava.

[34] Este capítulo refere-se às páginas 89 a 96.

Isso me sucedia especialmente quando os princípios e as leis do mecanismo físico começaram a tornar mais claras. Parecia-me agora que tudo se reduzisse a aplicar estes princípios as várias disciplinas que há milênios a humanidade considera come essenciais para o desenvolvimento de suas faculdades e que acreditava como os princípios de cada arte e de cada saber, isto é, ao escrever, ao ler, ao fazer contas etc.

Mas paralelamente ao estudar para fazer tais aplicações, constatava sempre com mais precisão e segurança que essas matérias de estudo não certamente os elementos de arte e de educação, mas ao contrário devem vir organizados segundo um sistema de ensino muito mais geral. Mas a consciência desta verdade muito importante que em mim estava desenvolvendo enquanto procurava aprofundar nas várias disciplinas escolares, permaneceu por muito tempo uma série de intuição isolada, em relação à matéria específica de cada vez se referia a minha experiência.

Assim, ao ensinar a ler, descobri a necessidade de subordinar esse estudo ao ensino da língua, e, ao procurar os meios para ensinar as crianças a falar, achei ser sempre necessário o princípio pelo qual esta arte deve desenvolver-se segundo a lei pela a qual a natureza ascende do som à palavra, e desta somente gradualmente a língua no seu complexo.

Ao esforça-me para ensinar a escrever descobri que essa arte deve estar subordinada ao desenho, como, ao ensinar o desenho, me convenci que isso devia ligar-se e subordinar-se com a arte da medição.

O ensino do alfabeto despertou em mim a necessidade do livro para a primeira infância com o qual esperava poder dar às crianças de três ou quatro anos cognições concretas, superiores àquela que hoje possuem as crianças de sete ou oito anos. Mas essas mesmas experiências, que praticamente me conduziam a descobrir novos caminhos para o ensino, faziam-me sentir que eu não possuía o meu método na sua extensão total.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 66 21/10/2010, 09:45

Procurei bastante um princípio psicológico desses métodos particulares, sendo persuadido que isto era somente o meio de descobrir a forma pela qual a humanidade pudesse ser educada pela mesma essência da natureza.

Era manifesto que essa forma é fundada na estrutura universal do nosso espírito, a qual faz que nosso intelecto nos reconduza à unidade, na representação, das várias impressões que a sensibilidade recebe da natureza, que as sintetizam num conceito e que o desenvolve até a sua plena clareza.

Dizia a mim mesmo: cada linha, cada medida, cada palavra é um resultado do intelecto que vem produzido pela intuição junto com o amadurecimento e que deve ser concebido como meio a uma clarificação sucessiva dos nossos conceitos. E cada ensinamento, na sua essência, não é mais que isto; por isso os seus princípios devem ser extraídos de sua forma originária imutável da evolução do espírito humano. Importa então, sobretudo, alcançar o conhecimento mais exato nessa forma original. E por isso retomava continuamente o exame dos princípios elementares pelos quais esse conhecimento deveria ser obtido.

O mundo, dizia a mim mesmo, nas minhas meditações interiores, está na frente de nós como um mar de intuições confusas que se misturam umas às outras. A tarefa de ensinar e da arte didática, se essas devem, realmente e sem algum dano para nós, abreviar o processo do nosso desenvolvimento intelectual, que entregue somente à natureza seria muito lento, apontou para tirar a desordem desse material intuitivo, distinguir entre eles os objetos, unificar na percepção aqueles que são semelhantes e coerentes, torná-los para nós claros, e pela sua clareza sensível elevar o espírito da criança para distinção intelectual dos conceitos. Esses podem atingir esse resultado se, pondo sob os olhos cada uma das intuições que seriam naturalmente confusas e desordenadas, e então nos apresentariam tais intuições isoladas nos seus dife-

rentes e variáreis aspectos, que no fim se conectariam com todo círculo dos nossos conhecimentos.

Assim o nosso conhecer procede da dispersão à determinação, da determinação à clareza, da clareza sensível à clareza e discernimento intelectual.

Mas a natureza, no processo desse desenvolvimento, atém-se absolutamente à grande lei de que depende a clareza do meu conhecimento, a proximidade ou afastamento dos objetos que perpassam os meus sentidos. Tudo aquilo que te rodeia parece aos teus sentidos, igual aos outros, tanto mais confuso, e então tanto mais difícil para tornar-se claro e distinto, quanto mais longe dos teus sentidos e, ao contrário, parece mais determinado e, por consequência, fácil de tornar-se claro e distinto, quanto mais próximo está dos teus sentidos.

Como natureza dotada de vida física, você não é mais que os teus cinco sentidos; pois da clareza ou obscuridade dos teus conceitos depende absolutamente e essencialmente da aproximação ou afastamento na qual os objetos externos venham a atingir os seus sentidos, isto é, você mesmo, ou seja, o centro no qual as tuas representações se unificam.

Esse centro de todas as tuas intuições, isto é, você mesmo, é um objeto da tua intuição. Tudo aquilo que você sabe, pode tornar-se para você muito mais facilmente claro e distinto do que aquilo que está fora de você, tudo aquilo que você sente, em si mesmo, uma intuição determinada, somente aquilo que está fora de você pode ser uma intuição confusa para você; depois do desenvolvimento dos teus conhecimentos, no que diz respeito a você mesmo, é mais breve do que quando objeto tem algo externo. De tudo aquilo que você está consciente, como de alguma coisa relacionada à vida interior, você está consciente de modo inteiramente determinado; tudo aquilo que você mesmo conhece, é para você e em si mesmo, por reflexo, perfeitamente deter-

PESTALOZZI EDITADO.pmd 68 21/10/2010, 09:45

minado. Por isso, a direção ao caminho dos conceitos claros e distintos se abre mais fácil e seguro do que qualquer outro, e entre tudo o que é claro, nada pode ser mais claro do que a clareza desse princípio, que o conhecimento da verdade procede, no homem, do conhecimento de si mesmo.

Amigo, essas ideias vivazes, mas confusas sobre os elementos da educação envolviam a minha alma, até que as expressei na minha relação, sem que nem mesmo agora me fosse possível de encontrar uma conexão continua entre elas e a lei do mecanismo físico, e sem que conseguisse determinar com segurança os elementos primeiro pelo quais devesse desenvolver a série de artifícios didáticos, se preferir a forma na qual fosse possível determinar o desenvolvimento espiritual da humanidade segundo a essência de sua própria natureza. Finalmente e, há pouco tempo, como um *Deus ex machina*[35], me veio a mente o pensamento que cada um dos nossos conhecimentos deriva do número, da forma e da palavra, parecia-me lançar novas luzes sobre o objeto de minhas pesquisas.

Um dia, enquanto trabalhava nos meus ensaios, ou melhor, e deixava-me conduzir pelo sonho e pelas fantasias sobre o argumento que me interessava, fez-me pensar no fato de qual deve ser o procedimento de um homem culto que queira analisar para tornar, aos poucos, claro um objeto que se apresenta num primeiro momento confuso diante dos olhos.

Ele voltará e deverá dedicar o seu exame aos seguintes pontos:

1. Quantos são os objetos que estão diante dele e quais as espécies;
2. Qual é o seu aspecto: qual a sua forma e o seu contorno;
3. Como se chamam, com qual som, com qual palavra podem vir chamados à memória.

---

[35] Nota do tradutor conforme Koogan Larousse, p. 1704: Um Deus (que desce) por meio de uma máquina / expressão que designa uma intervenção, numa peça de teatro, de um ser sobrenatural que surge no palco por meio de um engenho, e no sentido figurado, desenlace, mais feliz do que verossímil, de uma situação trágica.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 69 21/10/2010, 09:45

Evidentemente, para que este exame tenha êxito é necessário que esse homem possua plenamente estas faculdades:

1. a faculdade de compreender a forma de objetos diversos e de representar o seu conteúdo;
2. a faculdade de distinguir estes objetos numericamente e de representá-los de maneira determinada como unidade e como multiplicidade;
3. a faculdade de acrescentar a impressão representativa de um objeto, nas suas propriedades numéricas e formais, e de fixá-la indelevelmente por meio da palavra.

Conclui então: número, forma e linguagem são ao mesmo tempo os meios de ensino elementar como a soma das outras propriedades externas, de um objeto que se reúne no círculo do seu contorno e nas relações de suas propriedades numéricas, e que são assimiladas pela minha consciência por meio da língua. A arte didática deve, então, fixar como lei imutável do ensino aquela de partir deste tríplice fundamento da seguinte forma:

1. Ensinar as crianças a considerar cada objeto do qual temos consciência como unidade, isto é, como distinto daquele que se parecem unidos.
2. Ensiná-las a reconhecer a forma de cada objeto, isto é, as suas medidas e proporções.
3. Torná-las, o mais rápido possível, familiares com as palavras e os nomes dos objetos por eles reconhecidos.

Se, portanto, o ensino das crianças deve partir destes três pontos elementares, é claro que o primeiro cuidado da arte didática deve ser revista (4) para dar a esses três elementos a máxima simplicidade, extensão e harmonia recíproca.

A única dificuldade que permanecia para reconhecer o valor destes três pontos elementares, era a seguinte: por qual razão todas as propriedades das coisas, que nós percebemos por meio dos cinco sentidos não são pontos elementares do nosso conhecimen-

PESTALOZZI EDITADO.pmd 70 21/10/2010, 09:45

to, como o número, a forma e o nome? Mas não demorei a compreender que, enquanto todos os objetos possíveis têm incondicionalmente número, forma e nome, as outras propriedades que são percebidas por meio dos sentidos não são comuns a todos os objetos, mas essa é para um ou aquela para um outro; ao (5) se adicionar tais propriedades é possível distinguir diferentes objetos num primeiro olhar. Assim, reconheci entre a forma e palavra e as outras propriedades das coisas uma diferença essencial e absoluta, de modo que eu não podia assumir nenhuma destas últimas como elemento do conhecimento humano. Descobri, ao contrário, que todas as outras propriedades das coisas que são percebidas por meio dos nosssos cinco sentidos se podem conectar a estes elementos do conhecimento humano, de modo que, no ensino infantil, os conhecimentos de todas as qualidades restantes do objeto devem ser imediatamente ligadas à forma, ao número, ao nome. Então vi, claramente, que com a consciência da unidade, da forma e do nome de um objeto, o conhecimento que aí possuo se torna realmente determinado; que com a consciência gradualmente desenvolvida de todas as suas propriedades essa se torna sensivelmente clara; que enfim para a consciência da conexão de todas as suas propriedades essa se torna intelectualmente clara e distinta.

Nesse momento fui além e descobri que todo o nosso conhecimento deriva de três forças elementares:

1. a faculdade de emitir sons, da qual se desenvolve a faculdade da palavra;
2. a faculdade indeterminada e puramente sensível de representação, da qual se desenvolve a consciência de todas as formas;
3. a faculdade determinada e não mais puramente sensível de representação, da qual se extraem a consciência da unidade e com essa a faculdade da numeração e do cálculo.

Eu conclui, assim, que a educação do homem deve encontrar o seu ponto de partida nos primeiros e mais simples resultados

PESTALOZZI EDITADO.pmd 71 21/10/2010, 09:45

destas três faculdades fundamentais, no som, na forma e no número, e que o ensino das noções singulares não pode atingir um resultado que satisfaça a nossa natureza, considerada no sentido mais universal, se estes três simples resultados das nossas faculdades fundamentais não sejam postas na base de todo ensino como elementos comuns, apontados pela sua própria natureza, e se, em seguida a tal reconhecimento da educação seja desenvolvida segundo formas que, de modo universal e harmônico, sejam derivadas destes primeiros resultados das três forças elementares da nossa natureza e essas para conduzir o curso de ensino, até o seu término, nos limites de uma progressão continua, na qual sejam exercitadas harmonicamente e equilibradamente as três forças elementares. Somente assim se torna possível nos elevar, em todos esses três campos, da intuição obscura à intuição determinada, desta à clara representação e desta última a conceitos distintos.

Encontro assim unidas, essencial e intimamente, a arte didática e a natureza, ou melhor, a forma originária como, em geral, nos torna claros os objetos da realidade. De tal modo é dissolvido o problema de um princípio de todos procedimentos didáticos, e encontrada no próprio tempo a forma segundo a qual o desenvolvimento intelectual do homem pode ser determinado pela essência da nossa própria natureza.

Juntas são superadas as dificuldades de aplicação das leis mecânicas, que reconheço como fundamento da educação humana, para as formas de ensinar, que a experiência milenar ofereceu à humanidade para o seu primeiro desenvolvimento intelectual, isto é ao escrever, ao calcular, ao ler, e assim por diante.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 72 21/10/2010, 09:45

O método

Toda mãe é a primeira educadora e instrutora de seu filho.

Pestalozzi, 15 de março de 1819

Uma memória de Pestalozzi

Trato de psicologizar a instrução humana; procuro pô-la de acordo com a natureza de meu espírito e com a de minha situação e minhas circunstâncias[36]. Não parto para isto de nenhuma forma positiva de ensino como tal, mas simplesmente me pergunto: "O que você faria se quisesse ministrar a uma só criança o conteúdo total dos conhecimentos e destrezas que necessita para alcançar a satisfação intima de si mesmo mediante uma boa direção de suas disposições mais essenciais?"

Penso que a espécie humana necessita para fins semelhantes o mesmo absolutamente que uma só criança[37]. Ainda penso mais. A criança do pobre necessita maior refinamento ainda nos meios de instrução do que a criança do rico. Certamente que a natureza faz muito pela espécie humana; mas nós nos apartamos do caminho: ao pobre se o arranca de seu ventre materno e os ricos se perdem em seu peito transbordante com sua libertinagem e sua frivolidade. A imagem é dura. Mas nunca o vejo, tão longe quanto pode ver, de outro modo; e neste sentido descansa o impulso que nasce de mim, não apenas para aliviar o mal escolar que

---

[36] A flutuação que se observa na terminologia de Pestalozzi faz, às vezes, confuso o significado de alguns vocábulos. "Psicologizar" não tem para Pestalozzi o sentido que se dá hoje à psicologia, como ciência da subjetividade, mas possui um sentido lógico, objetivo, como se vê mais adiante quando diz "...pôr em harmonia os elementos de qualquer arte com o ser do meu espírito pela observação das leis psicológico-mecânicas, mediante as quais se eleva o nosso espírito das intuições sensíveis aos conceitos exatos". Estas leis que chama psicológicas são, em realidade as leis lógicas pelas quais se regem nosso pensar.

[37] Este é um dos princípios da psicologia social de Pestalozzi: semelhança de fins e meios entre o homem e a comunidade humana, que formam uma unidade indivisa. Os discípulos de Herbart, principalmente Ziller, desenvolveram depois desta ideia nos chamados graus formais da instrução, estabelecendo um paralelismo demasiado absoluto entre o desenvolvimento da espécie e o do indivíduo, e entre suas respectivas culturas.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 73 21/10/2010, 09:45

enerva à grande massa humana da Europa, mas para curá-lo em suas raízes.

Mas isto não pode essencialmente ocorrer sem submeter as formas de toda instrução às leis eternas, pelas quais se eleva o espírito humano das intuições sensíveis aos conceitos exatos[38]. Conforme estas leis, tratei de simplificar os elementos de todo saber humano e de expô-los em uma série de representações cujos efeitos devem agir psicologicamente para difundir, ainda nas classes sociais mais inferiores, o conhecimento universal da natureza, a clareza geral nos conceitos essenciais e o exercício frutífero das habilidades mais substanciais. Sei o que empreendo, mas nem as dificuldades do assunto, nem minhas limitações em arte e inteligência devem impedir-me de contribuir a um fim de que a Europa necessita tanto. Ao apresentar a vocês, senhores, os resultados dos esforços que devoraram minha vida, tenho que pedir-lhes uma só coisa: que separem aquelas de minhas afirmações que podem ser postas em dúvida daquelas outras que são incontroversas. Quero fundar minhas conclusões últimas inteiramente sobre uma completa convicção ou ao menos em proposições perfeitamente justificadas.

O ponto de vista mais essencial do qual parto é este: a intuição da natureza é o fundamento próprio e verdadeiro da instrução humana, porque é o único fundamento do conhecimento humano[39]. Tudo o mais é meramente resultado e abstração desta intuição;

---

[38] Repetidamente empregou Pestalozzi em suas obras esta fórmula, que sintetiza seu pensamento sobre a educação intelectual, advertindo que aqui "intuições" com o predicado de "sensíveis" equivalem a representações. O essencial é, pois elevar a conceitos, isto é, à exatidão, as representações flutuantes e inexatas por seu próprio caráter.

[39] Há duas afirmações nessa passagem de uma importância enorme: primeira, a intuição é o fundamento do conhecimento; segundo, a intuição é, por conseguinte, o fundamento da instrução. O conceito de intuição é uma das principais descobertas pestalozzianas. Não há de ser entendida em um sentido passivo, assim como a visão sensível, a compreensão dos objetos, mas, principalmente como ativo: "a criação originária do objeto, segundo seu numero, sua medida, seus pontos e linhas, sua forma etc.", sendo a função própria do pensar conceitual. "O subseguinte dar-se conta dessa nossa própria atividade na configuração do objeto". A intuição é, portanto, igual à criação do objeto; não é, pois, posterior a uma possível criação da sensibilidade, mas simultânea a ela: a atuação da inteligência nos sentidos (veja-se *Como Gertrudis enseña a sus hijos.* Princípio de La carta IX, edic. L. Luzuriaga, La Lectura).

PESTALOZZI EDITADO.pmd 74 21/10/2010, 09:45

porconseguinte, quando esta é incompleta, parcial e não sazonada, também é aquele incerto, inseguro e duvidoso, e quando esta intuição é inexata, será ilusão e erro.

Parto deste ponto de vista e me pergunto: que faz a natureza para representar-me verdadeiramente o mundo que me rodeia? Isto é: com que tipo de meios leva ela a intuição das coisas mais essenciais que circundam em mim mesmo a um amadurecimento satisfatório? E encontro: o faz mediante minha situação, minhas necessidades e minhas relações. Por minha situação determina os modos de intuir o mundo; por minhas necessidades cria meus esforços, e por minhas relações amplia minha atenção e a eleva à previsão e ao cuidado. Portanto, com o primeiro funda as bases sensíveis de meu conhecimento; com o segundo, minha vocação, e com o terceiro, minhas virtudes[40].

E agora me pergunto: "Quem pôs nas mãos da espécie humana a experiência de muitos séculos quanto aos meios artísticos de fortificar este influxo natural na educação de nossa espécie referente à inteligência, ao esforço e à virtude?" E descubro que estes meios são: linguagem, desenho, escrita, cálculo e medida. E quando depois investigo a origem comum de todos esses elementos da arte humana a encontro no fundamento geral de nosso espírito, mediante o qual nossa inteligência compreende – em sua representação – em uma unidade, isto é, em um conceito as impressões que a sensibilidade recebeu da natureza[41].

---

[40] Aqui nasce a tripartição da obra educativa, sendo a primeira a situação determina a visão do mundo, o conhecimento (educação intelectual em sentido amplo); segunda: as necessidades criam o esforço, a vocação (educação estética); terceira: as relações fundam a previsão, as virtudes (educação moral). Todas elas constituem as partes da educação elementar, e como tais partes, só são sensíveis formando parte desta totalidade da educação básica, que é equivalente a educação elementar.

[41] Os cinco meios artísticos de fortalecer a educação: linguagem, desenho, escrita, cálculo e medida, os reduz depois Pestalozzi a três: linguagem, forma e número, designando-os com o nome de elementos. Estes elementos são, às vezes, da educação (sentido individual) e da cultura (sentido objetivo). Isso é possível pela origem comum de ambos: a consciência humana, de cujo cultivo são dois aspectos. Assim, é possível estabelecer uma reciprocidade entre aqueles: a cultura é o conteúdo da educação, e a educação é o elemento formador da cultura. Esta é a base da concepção idealista da pedagogia, que nasce em Pestalozzi.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 75 21/10/2010, 09:45

Desta exposição se depreende que, no caso em que não ocorra ao mesmo tempo a educação artística e a intuição real da natureza, a arte, por sua ação apressada sobre o espírito humano chega a ser fonte de um endurecimento sensível que tem como consequência inevitável a unilateralidade, a parcialidade, a superficialidade e o erro presunçoso. Cada palavra, cada número, cada medida é um resultado da inteligência, que é criado por intuições maduras. Os graus sucessivos, pelos quais as impressões sensíveis se elevam a conceitos exatos vão até os limites da ação da inteligência, substantiva e independente da sensibilidade, em uma marcha harmônica com as leis do mecanismo físico. A mímica precede aos hieróglifos; os hieróglifos aos idiomas formados, assim como o *nomen proprium al genus*. Só por isto, também – pelo mecanismo da marcha harmonizadora da sensibilidade – a cultura me converteria em intuições precisas o mar flutuante das intuições confusas e depois criaria conceitos claros das intuições precisas, e destas, mais tarde, exatas. Toda arte dos homens é, pois, essencialmente, uma consequência de leis fisicomecânicas das quais, as mais importantes são as seguintes: 1- traga ao seu espírito todas as coisas essencialmente relacionadas na precisa conexão em que se encontram realmente na natureza; 2- subordine as coisas não essenciais às essenciais, e, em particular, a impressão da visão artística de si mesmo à da natureza e à de sua verdade real; 3- não dê a nenhuma coisa mais importância em sua representação que a que tem relativamente para sua espécie na própria natureza; 4- ordene também, segundo sua semelhança todos os objetos do mundo; 5- fortifique a impressão dos objetos importantes em si mesmo, fazendo-lhes agir sobre si por distintos sentidos; 6- trate de ordenar uma seriação em toda arte do conhecimento, na qual cada novo conceito seja só uma adição pequena apenas perceptível a conhecimentos anteriores profundamente impressos e feitos para si quase indeléveis; 7- aprenda a completar o simples até a maior perfeição antes de avançar ao complexo; 8- reconheça em cada amadurecimento físico o resultado da plenitude completa do fruto

PESTALOZZI EDITADO.pmd 76 21/10/2010, 09:45

em todas suas partes e advirta que cada juízo exato há de ser um resultado de uma intuição realizada em todas as partes do objeto a julgar; tema a aparência de plenitude antes de seu amadurecimento como a aparente porção de uma maça roída pelos bichos, 9- todas as ações físicas são absolutamente necessárias e esta necessidade é um resultado da arte da natureza, a proporção com a qual reúne entre si os elementos aparentemente homogêneos de sua matéria para a consecução de um fim. A arte que a imite deve, por isto, tratar de elevar os resultados que persegue à necessidade física, reunindo os elementos da arte a seu fim, por meio da proporção; 10 - produza riqueza e pluralidade em estímulos e jogos, de modo que os resultados da necessidade física levem em si mesmos a marca da liberdade e da independência. Aqui também deve imitar a arte a marcha da natureza e tratar pela riqueza e diversidade de estímulos e jogos para que levem seus resultados a marca da liberdade e independência; 11- reconheça em primeiro lugar a grande lei do mecanismo físico, a saber: o encadeamento geral e firme de suas ações as relações da proximidade ou da longa distância físicas de seu objeto a seus sentidos. Não esqueça nunca: esta proximidade ou distância física de todos os objetos que o rodeiam determina o decisivo de sua intuição, do desenvolvimento de sua vocação e de sua virtude.

Mas esta lei de sua natureza gira assim mesmo em toda sua extensão ao redor de uma segunda; gira ao redor do ponto médio de sua existência inteira, e este ponto central é você mesmo. Não o esqueça, homem: tudo o que você é, tudo o que você quer, tudo o que você deve, parte de você mesmo[42]. Tudo há de ter um ponto central em sua intuição física e este é você mesmo. Em toda a sua

[42] Esta afirmação é uma consequência lógica da que se falou anteriormente. Há duas concepções na história da pedagogia, e também da filosofia: a realista ou psicologista, a qual faz do espírito humano um produto passivo, isto é, das influências externas (Aristóteles, Locke, Herbart), e a idealista que faz da consciência o criador, o ordenador do universo, do cosmo (Platão, Kant, Fichte). Pestalozzi resume esta última direção na seguinte frase: “Não as circunstâncias fazem o homem, mas o homem às circunstâncias”.

atividade, a arte não acrescenta, essencialmente, à marcha sensível da natureza a não ser isto: reúne em um estreito círculo o que a natureza põe disperso à grande distância e coloca aos cinco sentidos em relações mais próximas que facilitam a memória; em especial, aumenta a sensibilidade dos próprios sentidos e, mediante o exercício, torna fácil representar-se os objetos que rodeiam mais numerosa, mais exata e mais duradoramente.

O mecanismo da natureza segue uma marcha elevada e sensível em toda a sua extensão: homem, imita-a! Imita esta atividade da natureza excelsa que faz brotar da semente da maior árvore só um germe imperceptível; mas que, depois, por meio de ações igualmente imperceptíveis, renovadas a cada dia e a cada hora, desenvolve primeiro os fundamentos do tronco; em seguida, os dos galhos grandes, e, finalmente, os dos galhos pequenos até o rebento mais extremo, do qual pende a passageira folhagem. Tenha em vista este fazer da elevada natureza, como cuida e protege cada parte criada e como vincula cada parte nova à vida já afirmada do velho. Observe como sua brilhante floração se desenvolve do botão perfeitamente formado. Olhe que rapidamente perde o esplendor florido de sua primeira vida e como o fruto débil, mas formado perfeitamente na extensão externa de seu ser, acrescenta cada dia algo real ao que já tem. E assim, passa longos meses, suspenso do galho que o alimenta, até que cai da árvore completamente maduro e perfeito em todas as suas partes. Veja como a mãe natureza desenvolve já o germe da raiz no crescimento dos primeiros rebentos que ascendem e enterra profundamente no seio da terra a parte mais nobre da árvore; como por sua vez tira o tronco imóvel da essência íntima da raiz; os galhos grandes, da essência íntima do tronco; os galhos pequenos, da essência íntima dos galhos grandes, e como dota a todas as partes, ainda às mais débeis e externas, de uma força suficiente e a nenhuma de um vigor inútil, desproporcionado ou supérfluo.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 78 21/10/2010, 09:45

O mecanismo da natureza humana sensível está, em seu ser submetido às mesmas leis, pelas quais desenvolve suas forças a natureza física. Conforme estas leis, toda instrução deve gravar profunda e imutavelmente no íntimo do ser humano o essencial de sua matéria de conhecimento; depois unir lentamente, mas com uma força ininterrupta, o menos essencial ao essencial, e manter cada uma dessas matérias até o último limite de sua matéria em uma relação vivente, mas proporcionada com o todo[43].

Vou agora mais além, e pergunto: que fez a Europa para utilizar em todos os ramos de sua educação popular estas leis do mecanismo físico? Pergunto: que fez a Europa para por em harmonia os meios elementares do conhecimento humano que nos pôs em nossas mãos os esforços de milhares de anos, com o ser do espírito humano e as leis concernentes ao mecanismo físico? Que fez nossa época para por em prática, ao menos na organização de seus estabelecimentos de ensino, o ser destas leis na linguagem, escrita, desenho, leitura, cálculo e medida? Eu não vejo nada. Não vejo na organização atual destes estabelecimentos, ao menos nos que se destinam à humanidade das classes inferiores, nenhum sinal de uma referência à harmonia geral do todo e à graduação psicológica que exigem essencialmente estas leis. Não, isso é notório: nos meios atuais da instrução das classes baixas do povo, não só domina um desconhecimento geral destas leis, como também uma oposição bárbara universal e geral às mesmas. E quando volto a perguntar: quais são as consequências inequívocas que produziu nas classes baixas da sociedade europeia o rude desconhecimento destas leis? Então não o posso ocultar: o embotamento sensível, a parcialidade, a obliquidade,

---

[43] Aqui se expressam as leis fundamentais do método, sendo a primeira: partir do essencial, elementar; segunda: continuar uma marcha ininterrupta; e terceira: manter o todo em unidade. Este proceder é semelhante ao da consciência, que Kant designou com o nome de unidade sintética. Onde mais claro se observa é no proceder da numeração, a saber: primeiro: formação de uma unidade; segundo: progressão indefinida da série 1+1+1+1; terceiro: fechamento de uma nova unidade 3, que, por sua vez, pode servir de ponto de partida para outra nova série, assim sucessivamente.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 79 21/10/2010, 09:45

a superficialidade e a vacuidade pretensiosa, que distingue à classe popular de nosso tempo, são uma consequência evidente de desconhecimento destas leis e do ensino parcial isolado antipsicológico desprovido de fundamentos e de ordem, que desfruta a pobreza de nossa espécie em nossas escolas inferiores.

O problema que tenho que resolver, portanto, é este: pôr em harmonia os elementos de qualquer arte com o ser do meu espírito, pela observação das leis psicológico-mecânicas, mediante as quais se elevam nosso espírito das intuições sensíveis aos conceitos exatos[44].

A natureza tem dois meios gerais de direção em toda arte, cujo influxo há de preceder a todos os seus meios isolados, ou, pelo menos, marchar ao mesmo passo: o canto e o sentimento de beleza. Com o canto adormece a mãe a criancinha, mas nós não seguimos nem mesmo aqui o passo da natureza. Apenas conta a criança um ano emudece o canto de sua mãe; para a criança crescida, em geral, já não é mãe; para este, como para tudo, é uma mulher distraída, sobrecarregada de trabalho. Ah, que isto seja assim, que todos os séculos de arte não hajam conseguido unir às canções que as amas cantam às crianças uma série de cantos nacionais que, ainda nas cabanas do povo se elevam desde a terna canção da ama até o canto majestoso de veneração a Deus! Sem dúvida, eu não posso preencher estes vazios, tenho só que assinalá-los. Entretanto, o verdadeiro com relação ao sentimento de beleza é este: a natureza inteira está cheia de formas atrativas e elevadas; mas a Europa não fez nada nem para despertar um sentimento a elas nem para colocar suas formas em graduação, cuja intuição pudesse desenvolver justamente este sentimento. Em vão se eleva o sol para nós, e em vão também se põe. Em vão se estendem seus imutáveis encantos planos e campos, vales e montanhas; não são nada para nós. Muito menos aqui

---

[44] "Conceitos exatos para criança são aqueles a cuja determinação não podem contribuir ainda em nada sua experiência". *Come Gertrudis enseña á sus hijos*, p. 217. Edición L. Luziriaga, La Lectura.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 80 21/10/2010, 09:45

alcança minha influência, mas hão de preencher-se estes vazios se a educação do povo houver de elevar-se da insensatez de sua barbárie atual à harmonia com o ser da nossa natureza.

Abandono os meios gerais de direção da arte e me dirijo às formas em que devem ensinar-se os meios particulares da arte: a linguagem, a leitura, o desenho, a escrita, o cálculo e a medida. Ainda antes que a criança pronuncie algum som está já nela formada uma múltipla consciência de todas as verdades sensíveis, que lhe servirá para proporcionar-lhe o círculo de sua experiência; sente, por exemplo, que a pedra tem outras propriedades que a madeira, e a árvore, outras que o cristal. Para se aclarar a criança esta consciência obscura necessita a linguagem. Se lhe devem atribuir nomes para as distintas coisas que conhece, assim como para as suas propriedades. Vinculo sua linguagem aos seus conhecimentos e assim estendo seus conhecimentos, estendo com isso, sua linguagem. Este esclarece à criança a consciência das impressões que feriram seus sentidos. E este esclarecimento da consciência é o propósito geral de toda instrução, que se divide essencialmente em duas formas. Ou se leva a criança pelo conhecimento dos nomes ao das coisas, ou pelo conhecimento das coisas ao dos nomes. A última forma é a minha. Eu quero fazer preceder em todas as partes a intuição à palavra, e o conhecimento exato ao juízo. Eu quero dar importância à palavra e ao discurso no espírito dos homens, e, pelo contrário, assegurar à impressão real da intuição física o predomínio essencial que, frente aos sons, tão evidentemente lhe pertence. Quero introduzir a criança em seu mais tenro desenvolvimento no círculo inteiro da natureza que o rodeia; quero organizar sua aprendizagem do idioma com uma coleção geral de todos os produtos naturais; quero ensinar-lhe logo a abstrair as generalidades das particularidades físicas e quero colocar na sua boca palavras e expressões para elas e substituir, sobretudo, as generalidades metafísicas com que começamos a instrução da nossa espécie, pelas generalidades físicas e não começar obra de abstração

do soletrar até que se tenha encaixado e assegurado o único fundamento do conhecimento humano: a intuição da natureza[45].

Meu livro do A B C não é outra coisa senão uma coleção destas narrativas, com as quais qualquer mãe, com o propósito de soletrar, há de colocar-se em situação de ensinar ao seu filho o essencial de sua natureza física em sua total extensão.

O apêndice primeiro contém a letra T do livro do A B C[46]. Antes que a criança conheça pela vista a forma das letras, no momento em que começam seus órgãos a pronunciar sons determinados, se lhe faz pronunciar cuidadosamente as formas originais de todas as sílabas, conforme a natureza de seu desenvolvimento orgânico, até que as repita todas fácil e exatamente. Uma vez alcançado isto, ponho diante de seus olhos as letras simples; depois, duas, três, unidas à sua pronúncia, e quando tem em sua memória os laços de sua união, lhe pronuncio duas, três e quatro letras como uma só.

Os exemplos da graduação, com o qual este objeto alcança, se encontram no caderno número 2. Conto também, para isso, com as ações físicas da plenitude e dei a este grau da intuição uma generalidade que não tinha. Põe-se na mesa letra por letra de umas e várias sílabas; por exemplo, na palavra soldado, se coloca primeiro:

S, e se pergunta	Como se chama?	Resposta S
O, e se pergunta	Como se chama?	Resposta So
L, e se pergunta	Como se chama?	Resposta Sol
D, e se pergunta	Como se chama?	Resposta Sold
A, e se pergunta	Como se chama?	Resposta Solda
D, e se pergunta	Como se chama?	Resposta Soldad
O, e se pergunta	Como se chama?	Resposta Soldado

[45] Intuição da natureza pode levar aqui ao erro de tomar a intuição como simples visão do natural. Mas natureza em Pestalozzi não é só o físico; é, principalmente, oposição ao artifício; é, em resumo, a verdade real.

[46] Destes apêndices só publicou Niederer – primeiro editor desta Memória – alguns. Em realidade não oferece muito interesse para serem traduzidos. Exercícios parecidos aos contidos neles podem ser vistos em *Come Gertrudis enseña à sus hijos* e em *Libro de las madres* (ediciones españolas de L. Luzuriaga, publicadas por La Lectura e Jorro, respectivamente).

PESTALOZZI EDITADO.pmd 82 21/10/2010, 09:45

É essencialmente necessário à criança para se fazer completamente familiar à formação e expressão das palavras, a múltipla repetição da composição de vocábulos semelhantes. Quando as crianças podem, com facilidade, expressar e formar a palavra se lhes há de fazer pronunciar e repetir as sílabas até que eles mesmos sintam que letras do quadro preto da escola correspondem a cada sílaba. Numero as sílabas e pergunto: como se chama a primeira? e a segunda? etc; e fora de sua ordem: a sexta? A primeira? A quarta? etc. Depois, se as faço soletrar. Trocar as letras de uma palavra soletrada, tornar uma só ou várias das que pertence a ela, somar outras e dividir fingidamente as sílabas fortifica a atenção da criança e sua força aumentada lhe põe em situação de ordenar por si mesma ainda as palavras mais difíceis. Por este método se faz evidente às crianças a composição das palavras em sua completa extensão; seus órgãos vocais, exercitados perfeitamente, chegam à pronunciação fácil de palavras mais difíceis; adquirem em pouco tempo uma facilidade incrível neste trabalho, tão penoso de outro modo, e aprendem com frequência em uma palavra várias existentes de per si, como, por exemplo, nas acima indicadas.

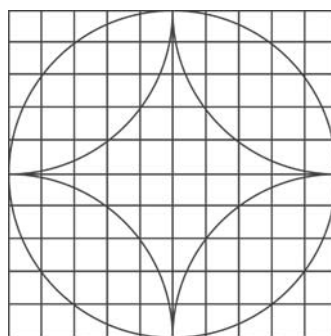
Finalmente, se usam as letras isoladas como fundamentos iniciais do cálculo – conteúdo no caderno 3º – segundo uma ordenação sistemática das relações numéricas.

Sem receio pela confusão e o engano, põe a natureza sua riqueza completa ante os olhos do ser humano exercitado, e a criança olhe nas grandes casas de comércio toda a riqueza da linguagem antes que tenha o conceito de uma palavra; mas o ruído e o som lhe ficam profundamente impressos e as uniões em que ordinariamente olhe as palavras lhe dão logo uma consciência escura do que expressam. Aqui imito também marcha da natureza. Meu primeiro livro de leitura para as crianças é o dicionário: o testemunho sobre tudo o que existe dos tempos passados; a linguagem em sua completa extensão é este primeiro livro de leitura, que depois, por uma série de

PESTALOZZI EDITADO.pmd 83 21/10/2010, 09:45

repetições de adições gramaticais imperceptíveis, o converte em um índice enciclopédico. O número 4 contém uma demonstração deste livro de leitura em sua simplicidade primeira; o número 5, um exemplo das adições gramaticais fácies; o número 6, a composição das palavras pela semelhança de seu conteúdo; o 7, os exercícios de gramática em uma prática por sua vez, de verbos e substantivos; o 8, alguns exemplos do registro enciclopédico de objetos.

A escrita não é outra coisa que um desenho linear referido a formas convencionais; por isto deve estar subordinado essencialmente às regras gerais do desenho linear, também a natureza dirige a palavra a este princípio; a criança é capaz de apropriar-se dos fundamentos do desenho linear antes de estar em situação de manejar bem o frágil instrumento da pena. Eu ensino, pois, as crianças a desenhar antes que saibam escrever, e segundo este método fazem as letras com uma perfeição o que não se vê de outro modo.

O êxito completo descansa no sumamente fácil princípio de que, quem pode dividir exatamente os ângulos e traçar justamente sobre eles um arco, tem em suas mãos os fundamentos da exatidão de todas as letras; por isto a figura abaixo contém em si mesma os traços capitais da arte de escrever em toda a sua extensão.

O princípio de que parto é este: ângulos, paralelos e arcos abraçam completamente a arte de escrever. Tudo o que é possível desenhar é só uma determinação gradual destas três formas fun-

PESTALOZZI EDITADO.pmd 84 21/10/2010, 09:45

damentais. Se pode pensar também uma graduação simples até a perfeição que corresponda a esta três formas fundamentais, dentro da qual encontra uma medida exata todo desenho positivo, e na que aparece a beleza estética de todas as formas como uma mera introdução na essência destas três formas fundamentais. O caderno número 9 contém alguns desenhos do ponto de vista matemático e estético. O 10, determinações matemáticas das formas fundamentais de todas as letras. O 11, gradações de modelos com giz. Estão unidos imediatamente a estas ideias os fundamentos iniciais da teoria da magnitude. No 12, se encontram os exemplos de como tratam de afinar a vista da criança. O 13, são ensaios para explicar-lhe os fundamentos deste objeto.

Os números são, em essência, abstrações de magnitude; por conseguinte, é necessário que precedam ou que acompanhem, ao mesmo tempo, os elementos da aritmética com os fundamentos iniciais do desenho. Aqui parto também de intuições e realizo as primeiras divisões do número com representações, aumentadas ou diminuídas, de objetos reais; depois, com pontos determinados, nos quais não aceita a criança como número as formas reais, mas que pode comprovar e experimentar na realidade dos pontos mesmo da realidade das relações numéricas. No 14, se acham alguns exemplos deste método de cálculo.

Assim é, senhores, como trato de conseguir em todos os elementos da instrução as leis mecânicas, mediante as quais se eleva o homem da intuição aos conceitos exatos. A natureza inteira se une a esta atividade. Em geral, ele se une primeiro ao simples e ascende depois de grau em grau. Eu sigo sua senda; quando a criança conhece os corpos simples: ar, terra, água, fogo, lhe mostro a ação destes elementos sobre os corpos conhecidos por ele, e enquanto conhece o resultado da combinação de vários corpos simples lhe ensino a ação recíproca dos corpos compostos entre si e lhe elevo desta maneira em todas as partes aos limites das matérias técnicas superiores, seguindo a marcha simples da intuição.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 85 21/10/2010, 09:45

Mas tudo isto há de ser dirigido de forma que torne possível e fácil às mães racionais seguir esta classe de instrução. Com isto consigo que minhas crianças educadas assim não se deixem enganar mais pelas pretensões barulhentas do corpo de professores da escola. Eu afirmo, assim, que meu método conseguirá que a criança, ainda aos sete anos possa buscar em cada matéria o homem técnico nela e julgar sobre ela livre e independentemente. Mas não se sabe nem o que é a arte e nem o que é a criança. O detalhe das intuições humanas, das quais provem seu saber é, sem dúvida, imperceptível em si e caoticamente confuso, portanto se apresenta na natureza desordenada. Mas a essência deste caos imenso é pequena em todas as matérias, e, quando se a ordena rigorosamente, facilmente abarcável. Por outro lado, a capacidade de compreensão da criança é imensa, quando se a dirige psicologicamente; é evidente que devemos utilizar em todas as matérias o trabalho dos tempos passados, que não meramente se aproximou de nossa consciência, mediante a linguagem, o singular de nossas intuições, mas que ordenou regularmente, com ideias precisas, este particular imenso e multiplamente acumulado. É surpreendente; não podemos deixar inerte o trabalho dos séculos, como se fôssemos monos e não quiséssemos eternamente chegar a ser homens.

Indubitavelmente meu caminhar se eleva aqui a determinação última da criança, mas só a concebo dentro dos limites do mecanismo físico, cujo círculo trato de investigar e seguir para ele e me encontro de novo no ponto da lei natural que une minha intuição, meus esforços e meus fins à proximidade ou distância física dos objetos que determinam minha vontade.

É certo: a criança que corre mais de uma hora para buscar uma árvore que cresce em sua porta, nunca conhecerá uma árvore. A criança que em seu quarto não encontra nenhum encanto ao esforço, não o encontrará depois facilmente no mundo e aquele que não encontra nos olhos de sua mãe nenhum atrativo do amor humano, não encontrará quando corra pelo mundo em nenhuma

lágrima humana motivo para o consolo. O homem sensível chega a ser um anjo quando utiliza o estímulo para a verdade e a virtude que se acha próximade sua existência física, chega a ser um demônio quando descuida e corre pelas montanhas para buscá-lo na distância. Não pode ser de outro modo; quanto os objetos do mundo se acham longe de meus sentidos tanto mais são para mim fontes de engano e de erro e tanto mais também do vício.

Mas, repito, esta lei do mecanismo físico gira em torno de algo superior, gira em torno do ponto central de sua existência completa, e este é você mesmo. O conhecimento de si mesmo é, portanto, o ponto central do qual deve partir o ser da instrução humana completa. Mas esta em sua essência é dupla: 1ª, é conhecimento de minha natureza física (o caderno número 15 mostra como trato de pôr esta como fundamento da instrução humana); 2ª, é conhecimento de minha personalidade, interior, consciência de minha vontade de fomentar em meu próprio bem e ser fiel a meu dever e às minhas ideias[47].

Mas no círculo da experiência sensível da criança não se encontram motivos suficientes, para este ponto de vista. Por isso, a natureza pôs na criança a confiança na mãe, e apoiou sobre esta confiança a obediência voluntária, dentro de cujos limites a criança se acostuma àquelas disposições cuja posse facilita a ele sua vida moral. Alimentada no seio da mãe, lendo amor em cada uma de suas olhadas, mas dependente também dela em cada desejo de sua vida, esta obediência é para ele em sua origem necessidade física, fácil dever em sua realização e fonte de suas alegrias em seus efeitos. De igual modo, o homem. Não encontra ele motivos suficientes no torvelinho de sua existência e nas experiências de sua sensibilidade para diferenciar tudo o que exige dele sua moral. Para chegar a estes vazios a natureza infundiu em seu peito a confiança em Deus e apoiou nesta confiança

[47] A realização, em parte, disto se encontra no *Livro de las madres*, ainda que nem todos os exercícios são da própria mão de Pestalozzi (V. La edición española, Madrid, 1911).

a obediência livre, dentro de cujos limites se acostuma diariamente àquelas disposições cuja posse lhe faz possível unicamente uma tendência constante a seu interior enobrecimento. Também é alimentado no seio da natureza e encontra, descansando em seu regaço, todas suas alegrias; mas ele depende também muito da dura necessidade, e, por isto também a obediência à verdade e ao direito, a obediência às causas não fatais por si de sua existência é em sua origem necessidade física de sua situação, fácil dever em sua realização e fonte de suas alegrias em seus efeitos.

Portanto, eu construo a chave da abóbada da instrução sobre o imediato desenvolvimento do estímulo sensível ao temor a Deus; pois ainda que esteja convencido de que a religião como exercício de inteligência e matéria de instrução está mal empregada nas crianças, estou, sem dúvida, persuadido também de que como assunto do coração é, ainda na idade mais terna, uma necessidade de minha natureza sensível, que como tal nunca pode ser suficientemente exercitada, purificada e elevada[48].

Desde Moisés até Cristo todos os profetas trataram de unir este sentimento ao candor do espírito infantil e de alimentá-lo e desenvolvê-lo com a contemplação da natureza inteira. Eu sigo sua senda. Toda a minha instrução não é outra coisa que uma sucessão de representações da sabedoria e magnificência do Criador e da sabedoria e magnificência de minha natureza, que não se envilece em mim mesmo. Eu mostro o mundo à criança com olhos abertos pela elaboração infinita da arte e ele não pressente a Deus, ele o vê: vive em sua intuição e o reverencia. O caderno número 16 contém um exemplo de minha ordenação de verbos, por cuja simples união se explica o que de todas as ações que há

---

[48] Das três soluções que se deu ao problema da educação religiosa: confessionalismo, laicisismo e neutralidade confessional. Pestalozzi é um dos representantes da última, ao educar religiosamente – mais intimamente que os confessionalistas –, mais sem dogma, sem doutrina nem catecismo. Esta concepção é, talvez, a dominante hoje na educação moderna: Sadler, Natorp, Zigler, F. Giner de los Rios.

na natureza pertence propriamente ao homem, o que faz em comum com a natureza morta e que o realizam juntamente com os animais. Não creio que seja possível encontrar representações com as quais o homem sensível possa ser elevado seguramente à veneração a Deus e ao sentimento de si mesmo e de sua própria dignidade: também é meu mais intimo desejo fundar minha instrução sobre esta base da serenidade humana. Pois estou convencido de que uma criança não elevada à confiança de Deus é um órfão sem mãe, e uma criança desconhecedora desta confiança é um filho infeliz que perdeu o carinho de sua mãe.

Mas já é tempo de que termine. Senhores, este é o curto esboço dos fundamentos e meios, a cuja investigação e livre juízo lhes convido[49].

Burgdorf, 27 de junho de 1800.

A pedagogia de Pestalozzi[50]

Toda filosofia leva consigo uma pedagogia; e o inverso, toda pedagogia supõe uma filosofia. Tenho dito às vezes que a pedagogia de Pestalozzi corresponde ao sistema filosófico de Kant. Certamente que isto é exato só no que se refere aos fins morais da educação, pois no demais, toda relação que queira ver-se não será mais que escassa e analógica. Por outro lado, no tocante ao apelo da importância da moral no que se refere ao ser do homem, lendo Pestalozzi nos parece às vezes, ler Kant. Assim, por exemplo, Pestalozzi entende a educação como a formação do homem enquanto ser individual, escrevendo que "o homem não chega a ser homem a não ser por meio da educação" e também: "me aperfeiçoo a mim mesmo quando faço do que devo o que quero". Típico de Pestalozzi é que faz uma aplicação da moral ao social; para que a vida social

---

[49] Esta carta foi redigida por Pestalozzi em Burgorf e datada de 27 de junho de 1800.

[50] Cartas sobre educação infantil. Estudo preliminar e tradução de Jose Maria Quintana Cabanas. Editorial Tecnos S.A. Madrid, España, 1988, p. xii-xv.

não seja constritiva, mas que nela possa o homem ser independente e livre, deve basear-se em uma aceitação dos vínculos sociais não por meras conveniências práticas, mas por uma livre aceitação do dever; a educação é o que deve levar o homem a adotar esta atitude, com a que conseguirá sua autonomia espiritual. Fora disto estamos longe de afirmar que a filosofia pedagógica de Pestalozzi seja a kantiana, pois naquela não seria difícil assinalar a presença de correntes tais como o sensualismo, o empirismo e o racionalismo; com o qual talvez o mais adequado seja afirmar que o que há em Pestalozzi é um ecletismo filosófico.

Pestalozzi quer que se dê à criança uma formação religiosa que deverá entrar nela, sobretudo, pela via do sentimento; entre a fé religiosa e amor aos pais existe certa continuidade. Identifica-se aqui algum parentesco com a postura de Rousseau, que é tanto mais evidente se temos em conta que nas concepções pestalozzianas não é difícil rastrear alguns aspectos de deísmo e de naturalismo. É por isto que o conceito que Pestalozzi tem da religiosidade não agradava as confessões cristãs e lhe proporcionou, em seu tempo e mais tarde, bom número de adversários. De todo modo, é justo reconhecer que, ainda em seus possíveis exageros, o que faz é clamar por uma religiosidade autêntica que não foi sempre bem compreendida.

Talvez o mais notável de Pestalozzi – o mais característico, se se quer – é seu método de educação intelectual, seu sistema de instrução, sua didática, que se resume em sua doutrina da "intuição" dos objetos aprofundada com base dos três famosos elementos de número, forma e linguagem, que não vamos comentar aqui, por ser amplamente conhecido, e que constitui o esquema que articula as diferentes disciplinas. Acreditou Pestalozzi que, com isto reduzia o processo de aprendizagem intelectual da criança pequena a seus elementos mais simples, com o que, usado este método de um modo quase mecânico, daria lugar a alguns resultados necessariamente satisfatórios. É por isto que abrigou a ilusão de que, aplicando-o, qualquer mãe,

PESTALOZZI EDITADO.pmd 90 21/10/2010, 09:45

por inculta que fosse se converteria em professora eficiente de seus filhos. Este afã de esquematismo e práxis infalível seduziu alguns outros pedagogos, especialmente a Fröbel, e mais recentemente também um pouco a Maria Montessori.

Este espírito analista de Pestalozzi o leva igualmente a outras inconveniências, como é o afã – sobretudo em desenho – de que a criança decomponha as coisas em seus elementos simples, quando em realidade parece que o globalismo tem maiores visos de ser o processo natural de aprendizagem. Isto seria a maior objeção que, a partir do desenvolvimento posterior dos conceitos pedagógicos poderíamos fazer a Pestalozzi. Mas ficarão sempre em pé uma série de princípios imperecedores e geniais que são os que constituem sua maior glória, por haver-se incorporado ao que poderíamos denominar "pedagogia perene". Vamos tentar mencionar sucintamente os mais importantes.

A linguagem é o fundamento do conhecimento e, portanto, da instrução. O saber puramente verbal e memorístico não é autêntico saber, o qual estriba na compreensão das coisas e de suas relações; e o chegar a isto há de ser trabalho mais da própria criança que se seu professor. Como disse W. Schohaus, "o método de Pestalozzi, em suas linhas gerais, tende a capacitar a pessoa para poder valer-se por si mesma". Isto se entende melhor se recordamos que Pestalozzi preconiza a primazia da educação sobre a instrução, e do "saber fazer" sobre o "saber" com o que deita as bases da pedagogia ativa.

Dentro desta linha tão moderna, recordemos que advoga por uma educação integral que forme por sua vez o coração, a cabeça e a mão; com o qual a educação escolar é um complemento da educação doméstica e uma preparação à educação que irá dando a vida. A instrução não é mais que parte desta tarefa, e certamente nem a mais importante. Supera-a em valor a educação moral, que é uma obra de amor e de fé que inspira na criança amor e respeito a "ordem" estabelecida pelo Criador.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 91 21/10/2010, 09:45

Um acerto típico de Pestalozzi e que está muito de acordo com as afirmações dos psicólogos atuais é o destacar o papel transcendental e insubstituível que exerce a mãe na formação da personalidade da criança, cujos mecanismos de reação se formam, para toda a vida, em seus primeiros anos. Para Pestalozzi todo o ulterior desenvolvimento espiritual da pessoa se baseia no vínculo natural (ou "animal") entre filho e mãe. Por isto insiste na influencia da família como fator de educação e diz que a arte do educador é como o do jardineiro.

Para dar uma ideia acerca da influência exercida por nosso autor sobre educação nos tempos que lhe seguiram, digamos que se lhe considera como o promotor e reformador da escola popular. A organização escolar e a didática (aplicação de métodos, elaboração de programas) de todo o século XIX consideraram os princípios deste insigne pedagogo, que alcançaram uma enorme difusão. O nome de Pestalozzi exerce uma grande motivação e se converteu em um símbolo de vocação educadora.

Dentre as trinta e quatro cartas que compõem o livro *Cartas sobre educação infantil*, foram selecionadas as cartas XXIII e XXIV, por que, apesar de produzidas por Pestalozzi no início do século XIX, apresentam relevância com a educação atual[51].

XXIII

Exercícios para o desenvolvimento dos sentidos, a música como meio educativo

18 de fevereiro de 1819

Caro Greaves

A educação corporal não deveria, de modo algum, limitar-se aos exercícios que hoje em dia conhecemos com o nome de "ginástica". Contribuem estes para intensificar, de modo geral, o vigor e a habilidade dos membros do corpo; mas haveria de

[51] *Cartas sobre educación infantil*. Estudo preliminar, José Maria Quintana Cabanas, 1988, pp. 87-99. Editorial Tecnos S.A. – Madrid, España.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 92 21/10/2010, 09:45

pensar também nos exercícios especiais que desenvolvem cada um dos sentidos.

Tal ideia pode começar por nos parecer um refinamento supérfluo ou inclusive um desnecessário estorvo para o desenvolvimento espontâneo. A verdade é que nós mesmos temos alcançado um pleno uso de nossos sentidos sem esses métodos especiais, mas a questão de que se trata não é a de se em alguns casos poderia se prescindir de tais exercícios, mas a de se, às vezes, podem resultar proveitosos.

Quantos há entre nós cuja vista seja capaz de avaliar corretamente, sem valer-se de meios artificiais, as distâncias ou o relativo tamanho dos diversos objetos? Quantos são os que reconhecem e distinguem os belos matizes das cores sem ter que compará-los entre si, ou que tem o ouvido suficiente para notar variações de tom muito pequenas? Veremos que os que são capazes disso com certo grau de perfeição devem sua habilidade ou a um talento inato ou a uma exercitação constante e diligente. Fica claro, pois, que as faculdades provenientes de uma aptidão natural, e que não requerem esforço algum, podem considerar-se como superiores; nem sequer com o ensino mais esmerado se poderá jamais obter o que elas dão. Mas ainda quando o exercício não possa fazer tudo, o certo é que pode conseguir muito, e quanto mais cedo se comece com ele, mais facilmente se alcançará o êxito e maior será seu nível de perfeição.

Haverá que começar por estabelecer um sistema regular de tais exercícios. Mas não será difícil à mãe introduzir certo número deles naqueles jogos de seus filhos que resultam apropriados para desenvolver e aperfeiçoar a visão e a audição. Pois é de desejar que tal tipo de exercícios sejam propostos mais como jogo[52] que como qualquer outra coisa. Deve reinar nisso a maior liberdade e tudo há de se fazer com uma certa alegria, sem as quais todas essas atividades e a própria ginástica se tornariam entediadas, mesquinhas e ridículas.

---

[52] NT: o termo jogo aqui utilizado tem conotação com a atuação concepção de atividades lúdicas.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 93 21/10/2010, 09:45

Faria bem em combinar, desde o início, esses exercícios com outros, especialmente com aqueles que contribuem para a formação do gosto. Não se presta suficiente atenção a que o bom gosto e os sentimentos nobres guardam um estreito parentesco e se reforçam mutuamente. Apesar de os antigos dizerem que o estudo das artes liberais suaviza o caráter e retira a aspereza externa, muito pouco se fez, sem dúvida, para que todos, e de modo especial também as classes populares, possam usufruir dessas vantagens e desses saberes. Ainda que não caiba esperar das classes inferiores que lhe seja fácil e possível dedicar muita atenção a algumas inclinações próprias do ócio que lhes ficam muito longe, já que esses indivíduos se encontram intensamente ocupados em satisfazer as urgentes necessidades cotidianas, não constitui isto, sem dúvida, um verdadeiro motivo para que hajam de ficar excluídos de todo empenho e aspiração superiores aos trabalhos e fadigas de suas ocupações habituais.

Entre tudo quanto pude ver, o quadro mais agradável foi o de uma mulher pobre que irradia ao seu redor um espírito de alegria calada, mas risonha, que é para seus filhos manancial perene de nobres sentimentos, dando-lhes exemplo de como pode afastar-se tudo aquilo capaz de ofender o gosto de uma pessoa acostumada a mover-se em um ambiente cultivado. E observei isto inclusive em algumas circunstâncias tão difíceis que parecia isso impossível. Estou firmemente persuadido de que só se pode chegar a isto graças a um autêntico espírito de amor maternal. Este sentimento, do qual nunca repetirei o bastante que é capaz de uma elevação só concedida aos sentimentos humanos mais nobres, se acha em conexão intima com um afortunado instinto que levará a um caminho situado a igual distância da indiferença e da preguiça que do refinamento artificial. Esses indivíduos de classe humilde, igualmente aos seres delicados, podem chegar a muito se lhes der a constante atenção; sem dúvida algo lhes faltará sempre de naturalidade e autenticidade de modo que não deixará de surpreender, a qualquer observador, neles algum

PESTALOZZI EDITADO.pmd 94 21/10/2010, 09:45

traço de pouca cordialidade que resulta incompatível com um clima de comunidade de sentimentos.

E não quero agora deixar de mencionar um dos meios mais eficientes que podem ajudar-nos na educação moral. Você sabe que estou me referindo à música, e não só conhece minha opinião sobre este particular, mas que pode também observar os resultados tão satisfatórios que em nossas escolas temos obtido com a música. Os esforços de meu ilustre amigo Nägeli, que, com tanto gosto como acerto, soube reduzir os primeiros princípios de sua arte a seus elementos mais simples permitiram que nossas crianças fizessem alguns progressos que, segundo se vê pelas demais aprendizagens, só puderam conseguir com um dispêndio de muito tempo e trabalho.

Mas não estou disposto a elogiar tais progressos como um interessante artifício para a educação. O mais importante que vemos na música está na influência real e altamente benfeitora que exerce nos sentimentos. Predispõe a alma para as mais nobres impressões e a sintoniza com elas, por assim dizer. A deliciosa harmonia de uma composição sublime ou a graça da interpretação de uma obra musical, podem proporcionar, a quem sabe apreciá-la, uma autêntica satisfação; mas é o simples e natural encanto da melodia que fala ao coração de todo o ser humano. Nossos hinos nacionais, que desde tempos imemoráveis ressoam por todos os vales de nosso país, levam numerosas lembranças das páginas mais luminosas de nossa história e das cenas mais amáveis da vida doméstica. Mas o exercício da música na educação não é unicamente o de manter vivo o sentimento nacional, mas é mais profundo: quando se a cultiva com o devido sentimento, alcança as próprias raízes de todo sentimento mau ou mesquinho, de todo impulso muito baixo e vulgar, de todo movimento indigno da humanidade.

Neste espaço poderia acrescentar um testemunho que merece nossa consideração por provir de um homem cujo caráter e espírito são de uma elevação pouco comum. Sabe-se que não

PESTALOZZI EDITADO.pmd 95 21/10/2010, 09:45

houve nenhum representante dos valores *morais* da música mais zeloso e ardente que o venerável Lutero. Mas, ainda que sua postura nesta questão tenha sido bem conhecida, e nós mesmos a temos também ponderado, sem dúvida a experiência revelou de modo ainda mais decisivo e indubitável a verdade da teoria que ele foi um dos primeiros em defender. Desde sua época, a experiência demonstrou que um sentimento baseado nos princípios de uma comunidade de sentimentos seria imperfeito se não se ocupasse também do cultivo do coração. As escolas ou famílias nas quais a música manteve seu caráter puro e alegre, cuja conservação se faz tão importante, ofereceram todas elas o espetáculo de um sentimento moral vivo e, em consequência, uma autêntica felicidade, que retira a todo o gênero de dúvida o valor próprio dessa arte que foi descuidado ou mal empregado unicamente em épocas de embrutecimento ou de corrupção.

Não é necessário demonstrar a você a importância da música na produção e manutenção dos mais elevados sentimentos dos quais o homem é capaz. Hoje em dia, quase todo o mundo comunga com Lutero em admitir que uma música carente de boato artístico e de adorno desnecessário atua, em sua recolhida e impressionante simplicidade, como um dos meios mais importantes para sublimar e depurar os sentimentos de uma autêntica devoção.

Em nossos encontros sobre este tema, nos achávamos com frequência perplexos na explicação que devíamos dar ao fato de que no seu país, apesar de que, quase todos conheçam essas ideias expostas, não se reserva sem dúvida à música, na educação geral, um lugar destacado. Parece que aí predomina a ideia de que para fazer com que a música desempenhe um papel na educação do povo se requereria empregar nisso mais tempo e esforço do que é possível dedicar a essa tarefa. E agora gostaria, com a mesma confiança que me dirigi a você, perguntar a todas as pessoas que percorreram diversos países se não lhes chamou por acaso a atenção a habilidade e o êxito com que entre nós se cultiva a música. O

PESTALOZZI EDITADO.pmd 96 21/10/2010, 09:45

certo é que não há sequer uma escola rural em toda a Suíça e talvez nenhuma em toda Alemanha e Prússia nas quais não se estimule seriamente a aprendizagem ao menos dos primeiros elementos da música, segundo o novo método prático.

É este um fato que se pode comprovar facilmente e que não cabe questionar. Quero concluir esta carta, manifestando uma esperança que temos em comum, isto é *que este fato não haverá de permanecer ignorado em um país que nunca esteve atrasado e no qual sempre se buscou estimular e introduzir melhoras que pareceram ser avalizadas pelos resultados da experiência*.

XXIV

Utilidade pedagógica do desenho e da modelagem

27 de fevereiro de 1819

Caro Greaves:

No campo da educação, da qual me ocupei em minhas duas últimas cartas, creio que aos elementos da música deveriam juntar-se os do desenho.

Todos sabemos, por experiência, que, ente as primeiras manifestações das faculdades de uma criança, tem lugar o impulso à imitação. Só por essa necessidade se pode explicar a aprendizagem da língua; é ela a que provoca a primeira e imperfeita produção dos sons, que se realizam na maioria das crianças quando ouviram algum tom de voz que lhe agrada. Os progressos que fazem dependem, por um lado, do grau de atenção que as crianças põem nas coisas que as rodeiam, e, por outro, da rapidez com que chegam a captá-las. Da mesma maneira que para o ouvido e os órgãos da fala, isto vale também para a vista e o emprego das mãos. Em relação aos objetos que são mostrados às crianças, estas manifestam curiosidade e logo põem em jogo toda sua agudeza e talento para imitar o que viram. É assim que a maioria das crianças conseguirá construir uma espécie de edifício com todo o material que lhes vem às mãos. Não deveria deixar despercebida esta neces-

PESTALOZZI EDITADO.pmd 97 21/10/2010, 09:45

sidade inata nas crianças. Nela se esconde uma faculdade que, como todas as demais, é suscetível de desenvolvimento. Por isso, haveria de proporcionar brinquedos às crianças, pois servem para facilitar suas experiências, e às vezes teríamos inclusive que ajudá-las nos mesmos. Nenhuma de nossas intervenções resultará inútil, e nunca deveria faltar nosso estimula à criança quando pode ser-lhe causa de um prazer inocente e proporcionar-lhe uma ocupação proveitosa. Há de se evitar que os jogos das crianças, repetidos dia a dia e a cada hora, tenham uma excessiva uniformidade, procurando introduzir alguma variação em suas pequenas distrações. Com isto se avivará seu interesse, se moverá sua fantasia e se afinará sua capacidade de observação.

Com respeito a esta necessidade, nada há mais adequado que exercitar as crianças no desenho, tão logo eles mesmos façam as primeiras iniciativas. Você pode ver o curso de exercícios preparatórios com os quais alguns de meus colaboradores conseguiram, com tanto êxito, realizar isto em crianças muito pequenas. Seria pouco razoável pretender que, com isto, as crianças devam começar já a desenhar algum objeto por inteiro. O que é necessário é que decomponham as partes e elementos dos que estão formados. Sempre que se procurou fazer isto, os progressos foram assombrosamente notáveis, e igualmente o entusiasmo com que as crianças realizavam exercícios que se convertiam em sua ocupação preferida. Meus amigos Ramsauer e Boniface transformaram a empreitada extraordinariamente útil de compor um curso deste tipo, com uma natural progressão, do exercício mais fácil ao mais complicado; e todas as escolas que se serviram deste método confirmam a experiência que nós mesmos, em Yverdon, fizemos da obra de ambos os autores.

A todos são evidentes as vantagens gerais de uma prática inicial do desenho. Sabido é que todos quantos possuem esta arte parecem contemplar quase cada objeto com olhos distintos daqueles do observador normal. Um botânico que se acha familiarizado e

acostumado a fixar-se na estrutura das plantas descobrirá, em uma flor, grande número de propriedades características que passariam inteiramente despercebidas a quem não está versado em botânica. Pela mesma razão também na vida ordinária uma pessoa que haja desenhado muito, copiando da natureza, observará, por isto, aspectos que aos demais não lhes chamam a atenção. Acostumada como está a fixar-se em tudo com exatidão, dita pessoa se formará dos objetos correntes uma impressão mais correta que outro a quem nunca haja ensinado a olhar bem o que vê para sabê-lo reproduzir em um desenho. A exata observação da forma do conjunto e do relativo tamanho das partes, necessária para a composição de um desenho perfeito, chega a converter-se em um hábito que, em muitos casos, resulta muito instrutivo e distraído.

Para formar-se este hábito, se faz muito necessário, mais ainda, quase imprescindível que as crianças não se dediquem a reproduzir outros desenhos, mas que aprendam a desenhar da natureza. A impressão causada pelo próprio objeto é muito mais cativadora que sua imagem. A uma criança lhe proporciona muito mais prazer exercitar suas habilidades tratando de reproduzir aquilo que o rodeia que o elaborar uma cópia de algo que, por sua vez, não é mais que uma simples cópia e aparece muito menos vivo e atrativo que um objeto real.

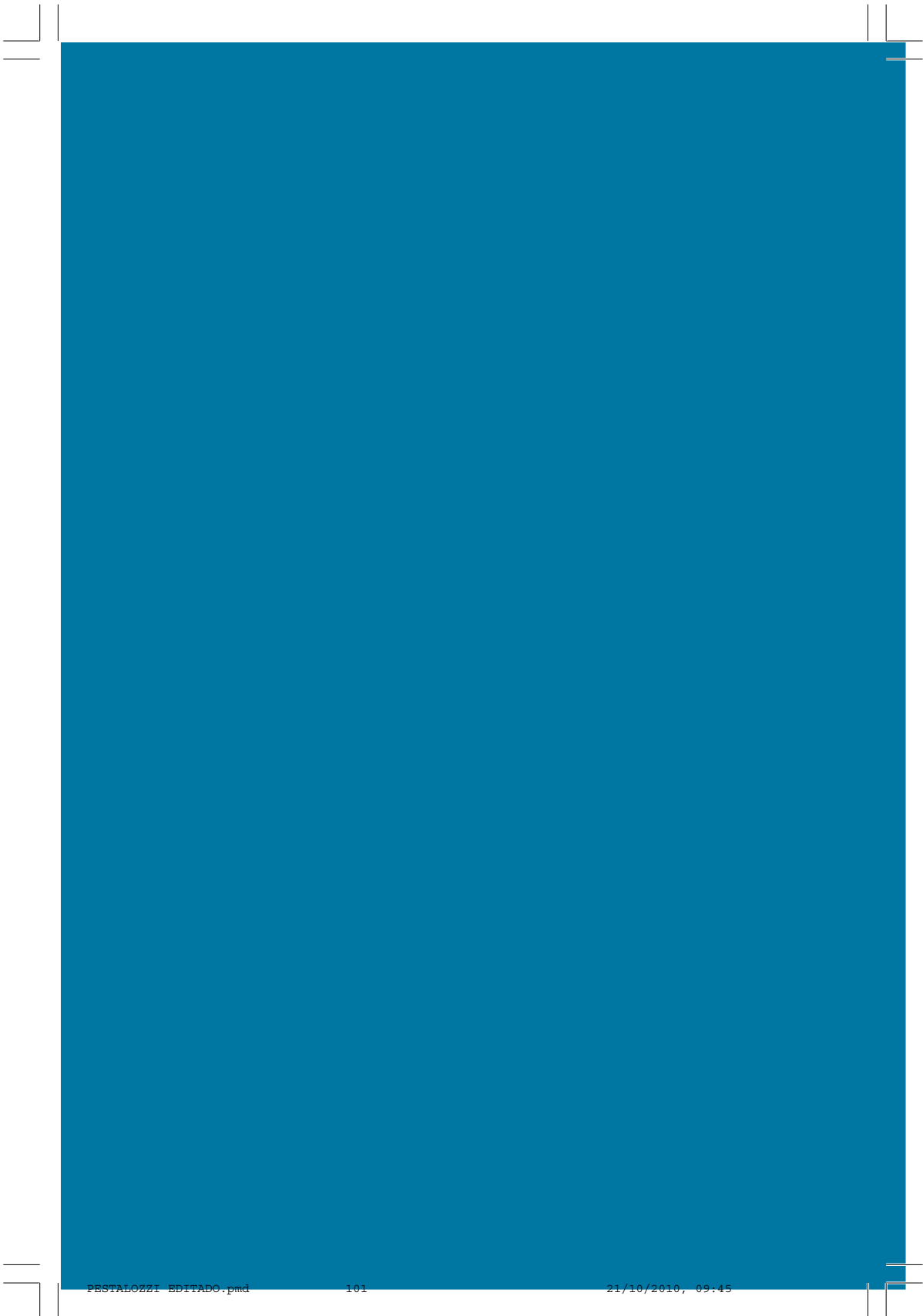
Resulta também muito mais fácil expor algumas ideias sobre a importância da luz e a sombra e dos primeiros princípios da perspectiva, e sobre o papel que exerce na representação de um objeto quando a este o temos diante nossa vista de um modo direto. De modo algum devemos ajudar a criança a realizar diversos detalhes; algo haveremos de deixar à sua busca, à sua paciência e à sua perseverança em seu empenho. A criança não esquecerá facilmente uma solução encontrada por ela mesma entre algumas exitosas tentativas; este achado proporciona muita satisfação e convida a fazer novos esforços, pois o êxito final resulta, depois de haver experimentado certo desengano, duplamente agradável.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 99 21/10/2010, 09:45

Aos exercícios de desenho seguem os de modelagem, feitos com o material que seja mais adequado para esta finalidade. A modelagem sói proporcionar um prazer ainda maior. Mesmo nas pessoas que carecem de um talento técnico especial, a alegria que, sem dúvida, tem em poder criar algo constitui um estímulo suficiente. Mas, tanto o desenho como a modelagem se são cursados segundo um método natural, resultarão muito úteis aos alunos inclusive para outras disciplinas.

Destas vou me referir unicamente a duas, a saber: a geometria e a geografia. Os exercícios preparatórios mediante os quais temos feito a introdução a um curso de geometria consistem em uma apresentação analítica das combinações diversas nas que aparecem os elementos formais e das quais consta cada figura. Estes elementos já são conhecidos para o aluno a quem foi ensinado a saber decompor um objeto em suas partes fundamentais e a desenhar cada uma delas. É lógico que o aluno não pode desconhecer os objetos cujas combinações e relações se lhe ensina a ver em geometria. A compreensão das propriedades de um círculo ou de um quadrilátero resultará muito mais fácil a quem não só lhe foram mostradas tais figuras no momento da lição, mas que conhecia já seu modo de estarem formadas. De igual maneira, a doutrina da geometria do espaço, que não se pode ensinar satisfatoriamente sem alguns modelos intuitivos, se entende muito melhor e fica mais profundamente gravada na inteligência se os alunos têm já alguma ideia de como estão compostos os modelos e se são capazes de construir ao menos os mais simples deles.

Em geografia, o desenhar contornos de mapas constitui um exercício que não deveria ser omitido em nenhuma escola. Pois dá uma ideia exata das relações de tamanho e da situação geral dos distintos países; proporciona uma representação mais concreta que qualquer descrição, e deixa gravada na memória uma impressão duradoura.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 100 21/10/2010, 09:45

CRONOLOGIA

1746 - Johann Heinrich Pestalozzi nasce em Zurique, Suíça, em 12 de janeiro, membro de família de origem italiana que se estabelecera, desde o século XVI, nesta cidade. Aos seis anos, perde o pai que era médico. É criado por sua mãe (Hotze), e por uma babá (Babeli), encarregada da educação doméstica de crianças nobres. De religião protestante, Pestalozzi é aluno medíocre e encaminha-se, primeiro, para a vida eclesiástica, mas fracassa. Volta-se, então, para o direito, mas é aconselhado a desistir, por fazer mais agitação política do que preparar-se para a carreira oficial. Torna-se agricultor, em Brugg, no cantão da Argóvia, onde constitui uma propriedade que denomina Neuhof (nova granja) fracassando; torna-se, então, criador, mas novamente não obtém êxito.

1774 - Escreve *Diário de um pai,* com intenções de estudos psicológicos, acompanhando durante várias semanas os progressos de seu filho Jacques, de três anos.

1775 -1780 - Mantém seus intentos e instala em seus edifícios, na granja, uma fiação de algodão, à qual se junta a manufatura de tecelagem, tinturaria e estamparia. Reúne, nessa empresa, crianças pobres de ambos os sexos, que, ao mesmo tempo em que aprendiam a ler e a escrever, se iniciavam nos trabalhos domésticos, agrícolas e na tecelagem.

1780 - Após seis anos de existência, a escola de Neuhof faliu. Nesse mesmo ano publica *Vigília de um solitário* e *Legislação e infanticídio.*

1782 - Publica *Christopher e Alice.*

1781-1790 - Publica o primeiro volume de *Leonardo e Gertrudes,* o mais popular de seus livros, e o que exerceu maior influência. Em forma de novela pedagógica de caráter popular, a obra descreve a vida simples do povo rural e as profundas modificações que uma mulher (Gertrudes), por sua inteligência e devotamento, ainda que ignorante, introduziu naquele meio. Por sua habilidade e paciência na educação dos filhos, salva o marido (Leonardo), da indolência e da embriaguez. A mulher aldeã conquista toda a vizinhança por suas ideias, produzindo uma reforma em toda a aldeia. Isto, segundo Pestalozzi, poderia ser feito em todas as demais aldeias. Esta foi sua missão: elaborar em detalhes os métodos desta educação, acreditando, com isso, regenerar toda a sociedade.

Esta novela pedagógica foi escrita em três volumes. No último, publicado em 1787, o papel central foi atribuído a um novo personagem que encarna a função das escolas: Gulphi, um velho oficial aposentado que se torna professor de escola elementar com o firme propósito de acabar com a predominância do verbalismo, porque são as ações que instruem o homem.

1792 - É condecorado pela Assembleia da Revolução Francesa como Cidadão da República Francesa. A Assembleia oferece-lhe cargos importantes, mas ele declina com esta humilde e grande resposta: "Eu somente quero ser mestre-escola".

1798 - Escreve, por sugestão de Fichte, de quem se torna amigo, *Minhas investigações sobre o curso da natureza no desenvolvimento da raça humana.* Este é o trabalho mais maduro de seu pensamento sobre a essência e o destino da humanidade.

1798 - O governo da Suíça (Helvécia) lhe confia o orfanato do distrito de Stans, reunindo sessenta crianças órfãs em virtude do massacre do povo pelos soldados franceses. Com esses órfãos, desenvolveu pela primeira vez, as novas práticas educativas, combinado-as com o trabalho manual. Pestalozzi, pretendendo introduzir uma vida de família, propõe-se a ser uma verdadeira mãe para todos os internos. Mas a instituição fracassa após seis meses.

1799 - Obteve, como professor assistente, uma classe elementar em Burgdorf, onde pôde realizar suas experiências pedagógicas, a partir da lição de coisas como meio de desenvolvimento mental, afirmando que seu objetivo era psicologizar a educação. Com esta experiência, seu trabalho adquiriu grande notoriedade.

1801 - Produz sua obra mais sistemática na qual estão os princípios de seu método: *Como Gertrudes ensina seus filhos,* buscando responder quais as finalidades e os meios da educação. Procura saber que conhecimentos e habilidades práticas são necessários à criança e como poderiam ser oferecidos a ela pelo professor ou, então, serem adquiridas por ela mesma. A obra constitui-se de 24 cartas sobre a instrução elementar dirigida ao seu amigo Gessner, editor de Zurique. A falta de subvenções governamentais e o desacordo entre os propósitos do instituto obrigam-no a abandoná-lo.

1804 - Deixa Burgdorf, transferindo-se para Yverdon, na extremidade sul do lago de Neufchâtel, na Suíça Francesa. O Instituto de Neufchâtel, que reune 150 pensionistas, durante alguns anos goza tanto na Suíça quanto no estrangeiro de extraordinária celebridade, mas após dez anos de existência inicia seu declínio.

1814 - É condecorado por Alexandre, Czar da Rússia, como cavaleiro, enviando-lhe uma carta autografada.

1825 - É fechado o Instituto de Neufchâtel.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 104 21/10/2010, 09:45

1827 - É publicada série de cartas endereçadas ao inglês Greaves que, em seguida, são retraduzidas e publicadas em alemão com o título *Mãe e filho.* Essas cartas compendiam sua doutrina. Nesse período escreve também *Canto do cisne,* obra em parte biográfica e em parte meditação teórica.

1827 - Falece em Brugg, em 17 de fevereiro, aos 81 anos. Seus familiares plantam um roseiral sobre o terreno em que foi sepultado.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 105 21/10/2010, 09:45

BIBLIOGRAFIA

Obras de Pestalozzi

BUCHENAU, A. et al. (Eds.). *Pestalozzi:* sämtliche werke. Zurich: Forshungsstelle Du Pestalozzianum, 1927. 28 v.

FORSHUNGSSTELLE DU PESTALOZZIANUM (Ed.). *Pestalozzi:* sämtliche briefe*, 1946-1971*. Zurich: Forshungsstelle Du Pestalozzianum, Zentralbibliothek, 1971. 13 v.

PESTALOZZI, J. H. *Algunos escritos políticos*. Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: PPU, 2007.

______. *Algunos escritos sociales*. Traducción de José María Quintana Cabanas. Valencia: Nau Llibres, 2003.

______. *Alocución a su Instituto (1818) y otros escritos*. Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: PPU, 2006.

______. *El canto del cisne*. Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: Laertes, 2003.

______. *La carta de Stans y otros escritos*. Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: PPU, 2005.

______. *Cartas sobre educación infantile.* Madrid: Editorial Tenos, 1988.

______. *Come Geltrude istruisce i suoi figli.* Perugia, Venezia: La Nouva Itália Editrice, 1929.______. *Cristóbal y Elsa y ensayos sociopolíticos.* Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: PPU, 2004.______. *Los destinos de mi vida y otros escritos.* Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: PPU, 2005.

______. *Leonard et Gertrude:* un livre pour le peuple. Boudry-Neuchâtel, Switzerland: Edition de la Baconnière, [s.d.].

______. *El libro de las madres y otros escritos.* Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: PPU, 2004.______. *El método.* [s.l.]: Ediciones de la Lectura, [s.d].

______. *Mis investigaciones sobre el curso de la naturaleza en la evolución de la humanidad.* Traducción de José María Quintana Cabanas. Madrid: Antonio Machado Libros, 2004.

______. *Opiniones, experiencias y medios para fomentar un estilo de educación adecuado a la naturaleza humana.* Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: PPU, 2008.

______. *Sobre la idea de educación elemental.* Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: PPU, 2006.

______. *Sobre legislación e infanticídio, 1780-1783.* Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: Herder, 2002.

______. *La velada de un solitario y otros escritos.* Traducción de José María Quintana Cabanas. Barcelona: Herder, 2001.

Obras sobre Pestalozzi

Principais obras sobre Johann Heinrich Pestalozzi

BARTH, H. *Pestalozzis Philisophie der Politik.* 1954

DELEKAT, F. *Johann Heinrich Pestalozzi*:der Mensch, der Philosoph und der Erzieber 3.ed. 1968.

FROESE, L. et al. *Zur Diskussion*: der politische Pestalozzi. 1972

LITT, T. *Der lebendige Pestalozzi.* 2.ed. 1961.

MEIER, U. *Pestalozzis Pädagogik der sehenden Liebe.* 1987.

NATORP, P. *Der Idealismus Pestalozzis.* 1919.RANG, A. Der politische Pestalozzi. 1967.

SCHÖNEBAUM, H. *Johann Heinrich Pestalozzi:* wesen und werk. 1954.

SILBER, K. *Pestalozzi*: der Mensch and sein Werk. 1957.

SÖETARD, M. *Pestalozzi ou la naissance de l'éducateur.* Berna: P. Lang, 1981.

SPRANGER, E. *Pestalozzis Denkformen.* 3.ed. 1966.

STADLER, P. *Pestalozzi.* 1988

STEIN, A. *Pestalozzi und die Kantische Philisophie.* 1927.

WERNLE, P. *Pestalozzi und die Religion.* 1927.

WÜRZBURGER, K. *Der Angefochtene.* 1940.

Outras obras sobre Pestalozzi

BARNARD, H. *Pestalozzi and Pestalozzianism: life, educational principles, and methods of John Henry Pestalozzi.* New York: Brownell, 1859. Disponível em: <http://www.archive.org/stream/pestalozzipestal00barnrich#page/n5/mode/2up>.

GUIMPS, R. de B. *Pestalozzi:* His life and work. New York: D. Appleton, 1897 Disponível em: <http://www.archive.org/stream/pestalozzihislwor00gui-muoft#page/n9/mode/2up>.

HOLMAN, H. *Pestalozzi*. Longmans: Green, and Co., 1908.Disponível em: <http:/ /www.archive.org/stream/pestalozziaccoun00holm#page/n5/mode/2up>.

ISRAEL, A. *Pestalozzi-bibliographie,* 1904., 3 vols. (Monumenta Germaniae paedagogica; 25, 29, 31)

KLINKE, W. Pestalozzi-Bibliographie. 1923

KLINK, J. G.; KLINK, L. *Pestalozzi-Bibliographie* J. H. Pestalozzi. 1968.

KUHLEMANN, G. *Pestalozzi-Bibliographie* 1966-1977". *Pädagogische Rundschau* (Francfort del Meno), 1980, N° 2/3, págs. 189-202.

EL METODO instuitivo de Pestalozzi [video]. Disponível em: <http:// www.youtube.com/watch?v=OMcXQCYQ1XM>.

NATORP, P. *Pestalozzi*. Disponível em: < http://www.archive.org/stream/ pestalozziseinle00natouoft#page/n5/mode/2up>.

______. *Pestalozzi* : su vida y sus ideas. Traducción de Luis Sánchez Sarto. Barcelona : Editorial Labor, 1931.

QUINTANA CABANAS, J. M. *Pestalozzi a su época*: opiniones sobre un seminario de maestros. Barcelona: PPU, 2008..

Obras sobre Pestalozzi em português

INCONTRI, D. *Pestalozzi*: educação e ética. São Paulo: Editora Scipione, 1996.PESTALOZZI [vídeo]. Disponível em: <http://www.youtube.com/ watch?v=cZjmx3EgdIY>.

PESTALOZZI e seu método educacional [vídeo]. Disponível em: <http:// www.youtube.com/watch?v=GhUqcT6ZSSo>.

Outras referências bibliográficas

ABAGNANO, N.; VISALBERGHI. A. *Historia de la pedagogia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

CABANAS, J. M. Q. *Cartas sobre educación infantil*: estúdio preliminar. Madrid, España: Editorial Tecnos S.A, 1988. pp. 87-99.

EBY, F. *História da educação moderna – teoria*: organização e práticas educacionais. Porto Alegre: Globo; Brasília: INL, 1976.

FORGINOE, J. D. *Antologia pedagógica universal*. Buenos Aires: Ed. El Ateneo, 1948.

FOULQUIÉ, P. *As escolas novas*. São Paulo: Nacional, 1952.

HUBERT, R. *História da pedagogia*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília, INL, 1976.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 109 21/10/2010, 09:45

LUZURIAGA, L. *El método:* ciência y educación. [s.l.]: Ediciones de la Lectura, 1931.

MONROE, P. *História da educação.* 6. ed. São Paulo: Nacional, 1958.

PESTALOZZI, E. *Come Geltrude istruisce i suoi figli.* Perugia, Venezia: La Nuova Itália Editrice, 1929.

PESTALOZZI EDITADO.pmd 110 21/10/2010, 09:45